



**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

Ademi Leandro da Silva

**Representação de si e do outro:
memórias e experiências formativas no contexto das artes visuais**

BRASÍLIA

2019

Ademi Leandro da Silva

**Representação de si e do outro:
memórias e experiências formativas no contexto das artes visuais**

Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Visuais, Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
Orientador: Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

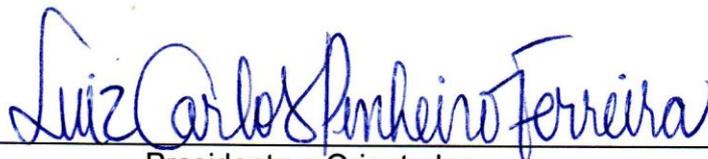
Ademi Leandro da Silva

**Representação de si e do outro:
Memórias e experiências formativas no contexto das artes visuais**

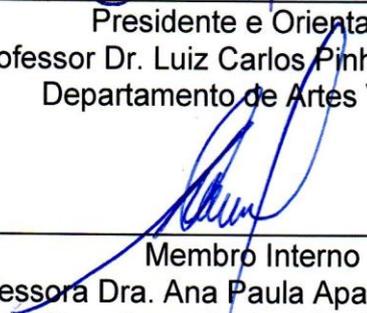
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado.

Aprovado em: 12/07/2019

Banca examinadora:



Presidente e Orientador
Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
Departamento de Artes Visuais



Membro Interno
Professora Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta
Departamento de Artes Visuais



Membro Interno
Professora Dra. Lisa Minari Hargreaves
Departamento de Artes Visuais

A Deus, por ter me concedido o dom da vida, saúde e disposição.

À minha família, principalmente pelo apoio, dedicação e amor de minha esposa Kátia Teles e o incomparável e amável filho Miguel Leandro, que me mostra a cada dia o poder da imaginação.

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor e orientador **Luiz Carlos Pinheiro Ferreira**, principalmente por sua paciência, dedicação e amizade.

À banca composta pela Professora Dra. **Ana Paula Aparecida Caixeta** e Professora Dra. **Lisa Minari Hargreaves**, por sua disposição e interesse de participar desse momento especial para mim.

Aos meus queridos amigos **Gilberto Soares** e **Rafael Campelo**, por suas observações e incentivo em nossas aventuras pela UnB.

E, a todos que me apoiaram direta ou indiretamente nessa jornada.

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas. Pessoas
transformam o mundo.” (Paulo Freire)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso possui como cerne experiências relacionadas com a minha trajetória de formação, evidenciando relatos narrativos que sinalizam etapas relevantes da minha história pessoal, profissional e acadêmica. Utilizo como referencial o campo da pesquisa narrativa com viés autobiográfico para tratar questões da memória e da formação em artes visuais, especialmente, pela linguagem do desenho. Ainda, no processo de desenvolvimento metodológico, apresento uma pesquisa de campo realizada com um grupo assistido pelo CREAS de Ceilândia/DF. O projeto teve por finalidade, além da prática do desenho, o despertar de suas memórias, vivências e convivências.

Palavras-chave: desenho; experiência; memória; relato narrativo; autobiografia

Lista de figuras

Figura 1 e 2: o elefante e a jiboia-----	14
Figura 3: foto do cinema de Brazlândia, antigo cine São Francisco (arca de Noé). -----	18
Figura 4: exemplo de pareidolia-----	21
Figura 5: casa do Cantador, Ceilândia/DF-----	24
Figura 6: agulha mágica-----	31
Figura 7: ferramentas de gravura-----	34
Figura 8: ministração da oficina-----	48
Figura 9: ministração da oficina-----	48
Figura 10: ministração da oficina-----	49
Figura 11: ministração da oficina-----	49

SUMÁRIO

Resumo	
Introdução-----	10
1 Experiências autoformativas	
1.1 Onde tudo começou: a infância-----	12
1.2 Rememorações-----	15
1.3 Descobertas-----	21
1.4 Imagens-----	25
2 Vida e formação escolar	
2.1 A escola-----	28
2.2 A Universidade-----	35
2.3 Experiência docente: os estágios-----	39
3 Projeto ver o outro	
3.1 Contexto e relevância do projeto-----	40
3.2 Representação de si e do outro: o projeto em ação-----	44
4 Considerações finais-----	50
6 Referências -----	51
5 Anexos	
5.1 Apêndice-----	53

Introdução

A memória traz à vida sentimentos e emoções há muito tempo escondidas ou tidas como mortas, sobretudo, se considerarmos que dentro de nossa cabeça, nada morre. Transforma-se e nos transforma. As memórias são caminhos que nos guiam para além do tempo. São responsáveis pelo conhecimento de nossos antecessores e por nossos predecessores, pois a memória se mostra sempre viva. Este escrito não tem por ambição discorrer ou filosofar sobre o tempo, foge de mim tamanha pretensão. Mas, sim, trazer aspectos relevantes da minha história de vida, sobretudo pelo viés formativo e autoformativo. Nesse caminho, aponto experiências que foram fundamentais para a minha escolha pelas Artes e pela Licenciatura. E como, inserido no contexto de uma formação universitária, essa vontade se fortalece e se torna real a cada passo. Nesse sentido, a pesquisa ocorreu mediante o desenvolvimento de três tópicos principais:

- O primeiro tópico é intitulado de experiências autoformativas, em que abordo minha infância, memórias, descobertas e a questão da importância da imagem em minha vida. Sempre busquei refugio nas imagens, sejam imagens da TV, dos jornais ou gibis. Começo falando sobre minhas experiências na infância que revelaram ser essenciais para a escolha no campo das artes, minha visão do que é ser criança no mundo adulto. As memórias me trouxeram a um ambiente que há muito não o visitava, questões pontuais na minha vida que se encontravam fora dos holofotes de meus pensamentos, desdobrando, assim, em descobertas de cunho cultural, discorrendo sobre as experiências de vivência familiar e refletindo sobre os costumes e as diferentes culturas presentes na cidade de Brasília.
- O segundo tópico, vida e formação escolar, se desdobra em três subtópicos que são: a escola, onde conheci um mundo novo e tive experiências maiores com a prática das artes, como a escultura e a gravura, tal como o contato com professores inspiradores. A universidade que ampliou a possibilidade de um sonho ser resgatado e

concretizado. A experiência docente é remetida as impressões vivenciadas com a Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 1 e 2.

- O terceiro tópico é nomeado como projeto ver o outro, que representa um projeto nascido na Disciplina de Desenho 4, que tem como cerne a ministração de uma oficina de desenho para pessoas em situação de rua. O projeto foi posto em prática no Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS) na cidade de Ceilândia/DF. Diante da oficina rememorei algumas situações do meu passado.

Na ocasião dos Estágios Supervisionados e da oficina, senti a responsabilidade de ser um educador, tendo o cuidado de se elaborar uma aula e aprender com o outro. Essa foi a proposta que fundamentou a oficina. Ver como o outro, sentir como o outro, enfim, ser empático com o semelhante.

1 Experiências autoformativas

1.1 Onde tudo começa: a infância

Foi nessa época da minha trajetória de vida que percebi que a convivência familiar, de um lar permeado por laços fraternos faz com que o sujeito, em sua mais pura essência, se torne um senhor de si, se eleve e, de leve, veja seus passos se alargarem. Entendo que as escolhas realizadas ao longo da nossa vida são pautadas a partir dessa época da vida, uma sombra que nos acompanha até nosso gozo final. Nesse sentido, a minha intenção ao produzir esta pesquisa de conclusão de curso parte das minhas memórias, das experiências e processos de formação e autoformação vivenciados ao longo da minha trajetória de vida. No que tange esse assunto Marie-Christine Josso (2007, p. 420) nos diz:

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido.

Diante do apresentado por Josso, penso que nossa história de vida nos acompanham, se fortalecendo, transmutando a medida que temos contato com as vivências do outro, desenhamos novos valores, novos comportamentos, para que nos compreendamos e compreendamos o mundo a nossa volta.

Pessoalmente minha experiência com a época da infância foi essencial para a escolha futura dentro do campo das artes. O cenário imagético criado na infância funcionou como um campo de forças, quase impenetrável, que me levava para longe de questionamentos de ordem adulta. Nesse aspecto, posso citar como exemplo o pai que entrega um carrinho de brinquedo para o menino

e uma boneca para a menina. Observo que tal exemplo remete para que a criança tenha um sentimento de obediência, refletindo em determinados comportamentos e modelos sociais. No caso específico da menina, esta se prepara para a maternidade e as coisas do lar, e o menino para um trabalho onde o automóvel se torna essencial para sua locomoção e para o sustento do lar.

Desde pequenos somos condicionados aos nossos papéis futuros dentro da sociedade. Esse tipo de condicionamento, nem sempre colocado de uma forma sutil na vida das crianças, pode eventualmente acarretar questões subjetivas na formação dos sujeitos. Percebo que determinadas brincadeiras ou um simples desenho podem desencadear um trauma na criança pelo não incentivo dos adultos. Penso a partir das minhas lembranças e vivências pessoais, que em alguns casos, a criança, para buscar este incentivo tenta embarcar no universo adulto. Ou então, tenta buscar na referência de alguém mais velho um acolhimento, uma autorização que permita a criança um sentimento de existência no mundo. Em outras palavras, a criança deseja ser notada pelo outro.

Um outro exemplo pontual, ainda pautado pelo desenvolvimento desse raciocínio, refere-se ao desenho feito pelo personagem de Antoine de Saint-Exupéry, autor do livro “O Pequeno Príncipe”, onde ele o apresentava para alguns adultos, um desenho, tirado de um episódio de um livro que ele vira quando tinha seis anos. O desenho era simples: uma cobra que engoliu um elefante. Uma cobra com uma elevação nas costas em que se sobrava a cabeça e o rabo da cobra (Figura 1). Os adultos não entendiam a lógica de seu desenho, dizendo que se trataria de um chapéu (em 1900, ano de nascimento do escritor, era corriqueiro o uso do chapéu como vestimenta).

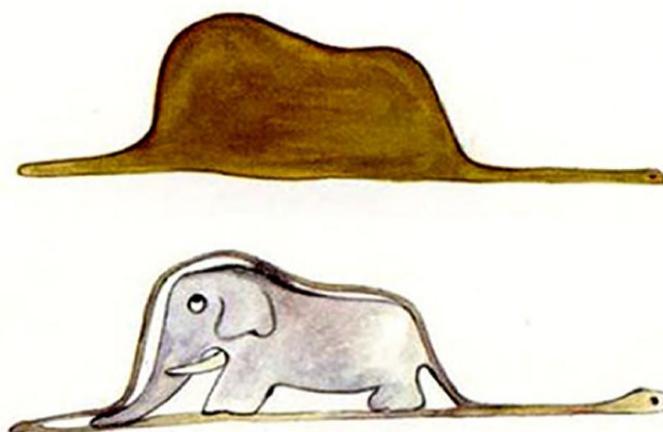


Figura 1 e 2: imagens retiradas do Livro “O Pequeno Príncipe” (2009, p. 7 e 8).

Este exemplo remete ao universo cotidiano do adulto, onde a visão adulta já tem por hábito direcionar as imagens para um lugar de representação definido a priori. No entanto, para a criança, o processo de fantasiar constituía-se como uma ferramenta para entender a vida numa lógica inventiva. Um universo lúdico e repleto de possibilidades imaginativas. Em sua segunda tentativa detalhou mais a imagem, construindo uma alternativa que chamou de desenho 2, para que assim os “grandes” pudessem identificar o que era mostrado (Figura 2). Ainda sem sucesso na empreitada, Saint-Exupéry (2009, p. 8), discorre da seguinte maneira sobre a experiência:

As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando [...]

O autor segue discorrendo a respeito de qual profissão escolher, e já na fase adulta se torna piloto de avião. Percebo aqui certo simbolismo, pois o autor deu asas à sua imaginação e ao mesmo tempo o avião representa a liberdade. Liberdade criativa que lhe foi tolhida na infância e na fase adulta teve que se

mostrar conhecedor de todas as coisas ligadas àquele universo de gente grande para ser reconhecido e respeitado como tal. Então continua Saint-Exupéry (2009, p. 9):

Quando encontrava uma que me parecia um pouco esclarecida, fazia a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era na verdade uma pessoa inteligente. Mas a resposta era sempre a mesma: “É um chapéu.” Então eu não falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Colocava-me no seu nível. Falava de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável.

A partir do exemplo apontado, penso na necessidade de insistência acerca daquilo que nos interessa. No caso exposto, observa-se que mesmo posteriormente havia a necessidade de reconhecimento de seu desenho. Uma tentativa de diálogo que buscava alimentar uma fantasia de criança. Frustrado novamente com a recepção do seu desenho, a alternativa viável foi seguir o modo de pensar a partir das exigências do mundo adulto, tornando-se assim, um homem razoável.

Entendo a partir do exemplo, que o universo infantil pode estar permeado de estímulos imagéticos, mas, sem a devida participação ou reforço desses estímulos, recai na frustração ou mesmo repercute em sua autoestima. Nesse sentido, “A criança tenta ser aquilo que os outros querem que ela seja em vez de tentar ser aquilo que realmente é” (HALL, LINDZEY E CAMPBELL,2000; p. 371).

1.2 Rememorações

Partindo dos apontamentos iniciais, discorrerei sobre minha vida, meus percalços e outras questões determinantes relacionadas com o meu processo formativo, o que resultaria em minha busca pelo campo da licenciatura em artes visuais.

Nascido de bons pais, na então pequena cidade de Brazlândia, região administrativa do Distrito Federal, o terceiro filho de um total de quatro. Isso me deixa numa posição meio que esquecida, nunca fui cobrado da criação dos menores como o mais velho e nem tão pouco cheio de cuidados como o mais novo. A pouca diferença de idade entre nós foi bom no sentido de estarmos juntos em nossas meninices, a diferença de idade entre o

mais velho e o mais novo corresponde a cinco anos. Minha primeira aventura se deu quando tinha dois anos. Segundo minha mãe, apareci misteriosamente em cima do telhado de nossa casa, onde morávamos de aluguel, e lá estava eu andando despreocupadamente. Quando minha mãe notou e me viu, começou a me chamar e eu indo ao encontro se sua voz, mas eram dimensões diferentes, eu aqui em cima e ela lá embaixo não ia dar muito certo, então ela começou a gritar: não, aqui não, vai por onde você subiu! E não é que deu certo! Eu voltei e desci, apoiando-me nos tijolos e na areia de construção que estavam encostados no barraco, esse tal barraco era nivelado abaixo do nível da pista e das outras casas. Dessa forma, eram constantes os alagamentos quando chovia. Lembro-me a partir de recordações precárias, pois, nessa altura do campeonato não consigo ter a noção da idade específica da época. Lembro-me, inclusive, do fato que meu pai tinha uma pequena criação de galinhas e de um dia nos abrigar nas beliches em virtude dos alagamentos. Por conta de tanta água, acredito ter visto coisas que impactaram minha vida de criança, como o fato das galinhas boiando ainda com vida. Não consigo me lembrar por quanto tempo foi essa chuva, só lembro-me de meus pais tentando salvar os poucos pertences que tínhamos. Ficávamos, eu e meus irmãos, em uma beliche, que era alvo de constantes rabiscos e, com um cobertor, eu fazia uma espécie de tenda e uma rede também com cobertor para me distrair. Essa chuva foi a primeira de uma série.

Estes episódios permeavam minha mente sem eu poder precisar, exatamente, o que aconteceu, mas pensando ou me esforçando um pouco consegui lembrar de situações pontuais. Quando me lembro das chuvas e alagamentos vem o medo pela água turva, e as galinhas boiando em desespero são facilmente trocadas pela minha imagem em agonia, sem saber se ia ser levado para baixo e não conseguir emergir. Segundo os estudos de Carl G. Jung (2008, p. 36-37) no livro: O homem e seus símbolos:

O ato de esquecer, por exemplo, é um processo normal, em que certos pensamentos conscientes perdem a sua energia específica devido a um desvio da nossa atenção. Quando o interesse se desloca, deixa em sombra as coisas com que anteriormente nos ocupávamos, exatamente como um holofote que, ao iluminar uma nova área, deixa uma outra mergulhada em escuridão. Isto é inevitável, pois a consciência só pode conservar iluminadas algumas imagens de cada vez e, mesmo assim, com flutuações nessa claridade.

Lembro-me de alguns acontecimentos marcantes em minha vida, que justamente, vem à tona quando um evento similar ou que por um detalhe me leva ao tempo esquecido, como se a lembrança fosse para além do holofote de que fala Jung e se concentrasse na escuridão periférica. Trazer o acontecimento narrado acima só foi possível em virtude desse movimento da lembrança, associado por um acontecimento parecido ocorrido na mesma cidade. E também quando vejo águas turvas, tem uma mistura de medo e saudade. Medo de me confrontar com águas passadas e saudade das

brincadeiras vividas durante e depois de enchentes. Os sonhos também ajudaram ou tornaram deficientes minhas memórias. Nesse sentido Jung (2008, p. 43) esclarece que nos sonhos “se acumulam imagens que parecem contraditórias e ridículas, perde-se a noção de tempo, e as coisas mais banais podem se revestir de um aspecto fascinante ou aterrador”. Penso que a rememoração tem, em alguns aspectos, configuração de sonho, por sua aparência fragmentada e/ou nevoada. E às vezes não se distingue a memória do sonho. As teias que foram usadas para confeccionar os caminhos da memória podem ter atalhos que aderem o rememorando a essa teia não o deixando acessar o todo de sua memória, fazendo com que as lembranças fiquem fragmentadas. Como nos indica Henri Bergson (1999, p. 92) que nos diz que “as imagens obscurecidas reaparecerão em plena luz: é esta última condição que se realiza certamente no sono quando sonhamos”. Um exemplo é a lembrança da casa em que vivi, ela ficava bem próxima ao antigo cinema de Brazlândia, lembro-me que as pessoas o chamavam “arca de Noé” (Figura 3), dada sua forma de arca “emborcada” e era totalmente formada por madeiras. Essa é o tipo de lembrança física, em que o tempo foi passando e o monumento, sempre presente, reforçava a memória. Para Jung (2008, p.37):

Mas todos nós vemos, ouvimos, cheiramos e provamos muitas coisas sem nota-las na ocasião, ou porque a nossa atenção se desviou ou porque, para os nossos sentidos, o estímulo foi demasiadamente fraco para deixar uma impressão consciente. O inconsciente, no entanto, tomou nota de tudo, e essas percepções sensoriais subliminares ocupam importante lugar no nosso cotidiano. Sem percebermos, influenciam a maneira segundo a qual vamos reagir a pessoas e fatos.

Com isso penso em minhas lembranças e uma desconfiança passa pela minha mente: será que as lembranças do “sempre que possível assistíamos filmes escondidos”, era é uma lembrança minha ou uma rememoração do que me disseram? Ou é apenas uma reação aos comentários de pessoas que se remetiam àquela época? Quando me lembro de algumas passagens de Xaolin e outros filmes de Kung Fu da época, inclusive, de como Xaolin arrancava, literalmente, os olhos do adversário, como uma marca registrada dele. Era algum vestígio da lembrança em si ou, mais uma vez fruto de terceiros? Uma coisa é certa, a felicidade se fazia presente, eram vários filmes e muitos movimentos. Começa ali uma paixão pela imagem.



Figura 3: foto do cinema de Brazlândia, antigo cine São Francisco (arca de Noé). A casa que relatei fica do lado do cinema, próximo a cerca de madeiras, mais ou menos em frente ao poste. Disponível em: <https://elianerboni.blogspot.com/2012/11/professor-e-e-tutor-alessandro-ribeiro.html?m=0> Acesso em 24/04/2019.

Lembro-me de meus pais muito felizes, mas eu não sabia o porquê, principalmente, quando mudamos para um terreno, só tinha terra e poeira por todos os lados e muitas pessoas. Mudanças são necessárias e eu, por minha vez aproveitava para brincar, na terra, óbvio. Fui levado para um local onde, além de meus irmãos, existiam outras crianças e, assim, mais brincadeiras. Tratava-se de um mutirão em que todos que tinham “ganhado” seu lote construiriam suas casas. Por isso a felicidade estampada no sorriso dos meus pais. Não passaríamos mais pelo sufoco dos alagamentos. Essas lembranças são muito vagas, no entanto, povoaram minha formação na infância.

Confesso que, ao trazer determinadas lembranças para o campo dessa pesquisa, observo o quanto isso foi relevante na minha formação pessoal e, conseqüentemente, responsável por me moldar em uma boa atmosfera. Nesse aspecto, encontro respaldo no pensamento de Alain Touraine (2006, p. 119), ao afirmar que:

O indivíduo não passa então de uma tela pela qual se projetam desejos, necessidades, mundos imaginários fabricados pelas novas indústrias da comunicação. Esta imagem de indivíduo que já não é mais definido por grupos de pertença, que é cada vez mais enfraquecida e que não encontra garantia de sua identidade em si mesmo, pois já não é mais um princípio de unidade e é obscuramente dirigido por aquilo que escapa sua consciência, serviu muitas vezes para definir a modernidade.

Logo, penso que a criança tem, em seus apontamentos mentais, subsídios para se tornar sujeito, protagonista de uma vida. Aqui, Touraine não usa o exemplo da tábua rasa e muito menos o de uma página em branco para descrever o indivíduo, mas sim uma tela onde se é projetado um slide ou uma tela de TV (exemplos de modernidade), onde nada é impresso, mas tudo é retido.

Ainda assimilando os novos conhecimentos e amizades adquiridas, fomos para o barraco, feito de madeira e também havia um quintal enorme. Cercas na nova cidade não existiam. Não entendi de imediato o que aconteceu. No entanto penso ser um acontecimento social movido por sujeitos dispostos a mudar, de alguma forma, o contexto social onde era mantido. Como define Veronese & Lacerda (2011, p. 424):

Quando isso não ocorre, cabe aos movimentos sociais denunciar as estruturas de submissão e assim desacomodar os indivíduos, provocando movimentos coletivos em busca de certos embates que propiciem melhoria das condições atuais, minimização das desigualdades, busca por direitos mais sólidos ou outras demandas relacionadas à luta contra os processos de submissão.

Então, partido dessa ótica, meu pai começou a plantar no enorme quintal, ele sempre falava: “*agora estamos no que é nosso*”. Não sei precisar o tempo, árvores já grandes, plantações. Comíamos hortaliças, bananas, mangas, abacates e goiabas diretamente do pé. Foi nessa época onde minhas lembranças foram criando foco, e também começava um querer artístico ainda mais aflorado. Havia um espaldeira¹ de chuchu onde era o meu refugio. Subia e ficava ali olhando as nuvens e formando desenhos (Figura 4). Ficava por horas na minha introspecção. O isolamento constante me fazia ficar revigorado,

¹ Também conhecido como latada, é tradicionalmente feito com arames lisos em número 12 ou 16 trançados em forma de malha presos em mourões fincados no chão a uma altura de 1,80 m. O chuchu semente é plantado no chão próximo ao mourão. Mas, no entanto, em casa era feito com madeira no lugar do arame, o que dava um aspecto de casa, cuja telha era o pé de chuchu.

mas a solidão de certa forma me assustava, não a solidão de estar só naquele lugar, mas aquela que por mais que estivesse rodeado de pessoas, permanecia como um sentimento particular, uma sensação de ser só no mundo. Talvez, este sentimento estivesse atribuído ao meu interesse particular pela arte, pela imagem, por quer contemplar algo que fazia sentido somente para mim. Em alguns momentos, pude partilhar desse sensação com o meu irmão mais velho. Quando chovia, ficávamos formando desenhos com as manchas de água nas paredes de madeirite. Tal exercício continuou nas paredes de alvenaria que insistiam em infiltrar quando chovia. Anos mais tarde descobri que esse fato, fenômeno ou mesmo faculdade de se ver desenhos ou formas imagéticas tinha um nome: pareidolia².



Figura 4: exemplo de pareidolia. Disponível em: <https://designcomcafe.com.br/pareidolia-mensagens-subliminares-do-mundo-real> Acesso em 24/04/2019.

1.3 Descobertas

² Fenômeno psicológico comum nos seres humanos (menos naqueles que tenham algum distúrbio) consiste em objetos de ordem aleatória se mostrarem como algum rosto ou corpo. São exemplos as tomadas e as nuvens. Podendo acontecer, também, com sons onde o chiado ou uma musica tocada ao contrário entende-se como uma mensagem oculta.

Decifra-me ou te devoro!³ A frase em questão diz algo de mim, não que eu vá devorar ninguém, mas absorver um pouco do comportamento de pessoas de outros estados, sua cultura e assim construir uma memória cultural. Para Gilberto Velho (1998, p. 97):

A complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderna-contemporânea tem como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida. Uma das questões mais interessantes e polêmicas é verificar até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade, implica uma adesão que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais.

Em Brasília temos o hábito de absorvermos culturas de outras regiões em um curto espaço de tempo. As fronteiras de que fala Velho foram construídas com sujeitos que, mantendo seus hábitos e costumes conseguiram se adaptar e elaborar suas identidades sociais, seja no modo de falar (sotaque), seja na forma de se expressar. Somos um povo em constante modificação, crescimento e construtores de identidades. Brasília foi fundada com suor, sangue e lágrimas de diversas pessoas de regiões distintas. Essa mistura de diversas culturas se tornou a cultura brasiliense, onde todas as culturas se reúnem. Os nativos dessa região não são dotados de sotaques carregados e nem tão pouco de tradições próprias, no entanto, tem uma capacidade de absorver um sotaque ou uma cultura só de ficar perto da mesma.

Saliento que, cresci envolvido com uma formação cultural que advinha dos meus pais, que são, por sua vez, de culturas diferentes. Minha mãe é natural de uma cidade do Estado de Goiás que faz fronteira com o Estado de Minas Gerais e meu pai, por sua vez, é natural do Estado do Ceará, ou seja, uma mistura bem diversificada. Desse modo, pude presenciar desde pequeno, diferentes sotaques e um modo de perceber a vida bem particular. Essa

³ Édipo em sua viagem para Tebas deparou-se com a Esfinge ,um monstro metade leão, metade mulher que lançava enigmas aos viajantes e devorava quem não os decifrassem. Esse era o enigma: “ Que criatura tem quatro pés de manhã, dois ao meio-dia e três à tarde?” e Édipo respondeu: “ É o homem. Pois na manhã da vida (infância) engatinha com os pés e mãos; ao meio-dia (na fase adulta) anda sobre dois pés; e à tarde (velhice) necessita das duas pernas e o apoio de uma bengala”. Disponível em <http://decifra-me-ou-devoro-te.blogspot.com/2010/06/saga-de-edipo-decifra-me-ou-devoro-te.html>

Consultado em 05/06/2019.

formação cultural foi acrescida, justamente, pelo cotidiano estabelecido pelos lugares onde morei e pelas pessoas com as quais compartilhei conhecimentos. Mais uma vez encontro nos apontamentos de Velho (1998, p. 97-98), argumento para subsidiar minhas reflexões:

A multiplicidade de referências, seja em termos de grupos ou de atitudes, às vezes aparentemente contraditórias, leva à problemática da fragmentação, para alguns autores, um dos indícios da modernidade. Se, por um lado, as ideologias individualistas marcam o advento do indivíduo-sujeito, por outro lado expressam a fragmentação de domínios que sucede a uma ordem tradicional hipoteticamente mais integrada.

Hoje, percebo o quanto foi importante as experiências que vivenciei, tanto no seio da família quanto nas relações estabelecidas em outros contextos sociais e culturais. Percebo que a cidade de Brasília foi feita para ser, realmente, o centro administrativo do Distrito Federal e, conseqüentemente, do Brasil e seus futuros moradores seriam os detentores dos Poderes e os trabalhadores das Administrações diretas e indiretas. Só não se contava que os sujeitos envolvidos em seu processo de construção, não fossem embora. Pelo contrário, trariam suas famílias ou formariam novas famílias, acabando com uma certa ordem pré-estabelecida. Nesse aspecto, refletindo a partir das colocações de Velho, entendo que Brasília tornou-se cosmopolita, fragmentada, com referências múltiplas, o que estabeleceu um modo diferenciado de pensar a própria ralação com a cidade e seus habitantes.

Aos poucos parte das tradições e a forma de falar e se expressar dos meus pais foram desaparecendo de mim. É claro que não por completo, mas restando certa neutralidade de suas culturas em minha vida presente, ou talvez a soma delas provocasse tal sensação. À medida que experienciei outras oportunidades, como a formação escolar e profissional, pude avançar em aspectos que, infelizmente, não fizeram parte da formação deles. Nessa direção, Velho (1998, p. 100) enfatiza que:

[...] a memória desse indivíduo é que se torna socialmente mais relevante. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos etc. são os marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada.

Desse modo, entendo a razão de não possuir recordações de festas de final de ano e muito menos de aniversários, isso repercutiu em mim uma certa insensibilidade para tais datas comemorativas. Nunca fiz questão de comemorar. Meus pais quase não falavam de aspectos culturais de suas regiões, como se nunca tivessem experimentado uma vida em outro lugar. Atuavam como se realmente tivessem partido do marco zero. Entretanto, em alguns momentos comentavam de seus parentes, como se buscassem em suas memórias uma revisitação do passado remoto. Com a oportunidade criou-se uma região própria e se a situação econômica fosse favorável chamariam todos os parentes para morarem nessa nova região. Diante da desventura de não se ter por perto a família da qual é oriunda, constrói-se monumentos ou qualquer tipo de estabelecimento que possa reunir pessoas vivendo aqui de outros estados, para lembrar a sua cultura e rememorar sua infância e juventude. A Casa do Cantador em Ceilândia (Figura 5) representa um exemplo particular para pensar em tais questões. É um monumento onde se recebem os repentistas, cantadores de viola e outros eventos típicos da região nordeste, onde muitos da cidade são naturais.



Figura 5: casa do Cantador, Ceilândia-DF. Disponível em:

<http://www.curtamais.com.br/brasil/casa-do-cantador-em-ceilandia-recebe-evento-gratuito-com-cultura-nordestina> Acesso em 10/04/2019

1.4 Imagens

Sempre gostei de olhar e de contemplar cuidadosamente tudo que estava ao meu redor. Conforme relatado anteriormente, as nuvens e os objetos do cotidiano sempre foram elementos visuais que fizeram parte da minha formação do olhar. Desde a experiência precoce com as imagens do cinema até o encontro com as imagens que foram apresentadas pela televisão, tive a oportunidade de experimentar algo que seria determinante em minha vida: a paixão pela imagem. Conseqüentemente esta paixão resultaria nos primeiros desenhos artísticos, ou seja, os meus primeiros passos para uma aprendizagem artística. Com as imagens advindas da televisão, encontro nos apontamentos de Fernando Hernández (2011, p. 42), questões pertinentes para pensar sobre o uso das imagens no contexto escolar e na formação do sujeito quando diz que

[...] penso que esta narrativa segue presente em nossa escola e, quando as imagens entram nela, fazem-no, principalmente, por sua utilidade pedagógica (porque permitem fixar o sentido das palavras nos métodos de leitura ou ilustrar moralmente o dever ser dos alunos). Isto explica porque muitos consideram que as relações das crianças e dos jovens com a cultura visual (entendida como o espaço de relação dos sujeitos com as imagens e representações visuais) os perverte e os retira do bom caminho. Basta pensar no que se falou e se vem falando sobre a influência nefasta da televisão, e agora dos vídeos-games e da internet.

Penso que a televisão, os videogames e a internet tem sua contribuição no aprendizado das crianças e dos jovens. O grande “problema” é que a doutrinação se dá de forma múltipla, deixando que o aluno participe do mundo de uma forma mais efetiva, sugerindo e até, muitas vezes, exigindo mais dos pais e docentes. O adulto, nesse caso, tem de se capacitar para acompanhar o progresso das crianças. As sinapses⁴ dos cérebros das crianças hoje em formação têm mais incentivos, no sentido dessa multiplicidade de informações em um único lugar (no caso específico da internet), em comparação com a

⁴ O crescimento do cérebro constitui um indicador básico do desenvolvimento neurológico. Os seres humanos adquirem seu conjunto total de neurônios corticais principalmente durante o segundo trimestre da gestação. O córtex cerebral contém mais sinapses na infância do que na idade adulta.

O cérebro já tem aproximadamente um terço do seu tamanho adulto ao nascimento, e ele cresce rapidamente, atingindo 60% por volta de um ano e 90% perto dos 5 anos de idade. Os 10% de crescimento finais ocorrem durante os 10 anos seguintes, e o peso total é atingido aproximadamente aos 16 anos de idade. Jerald Kay & Allan Tasman (2002, p.41).

experiência de um adulto quando se dedica, por exemplo, a leitura de um jornal escrito. Em contrapartida o estímulo das novas tecnologias tende a acomodar as crianças em relação às brincadeiras de ordem física, como pega-pega por exemplo. Como reforço para essa reflexão Guedes (1999, p.32) apud Natália M. N. de Paiva & Johnatam da S. Costa (2015, p. 6) argumenta que “as crianças e adolescentes estão substituindo atividades lúdicas (que envolvem esforço físico), pelas novidades tecnológicas”. Nesse sentido, destaco no trecho narrativo uma experiência particular associada com as imagens advindas da televisão.

Por meio de uma televisão preto e branco que tínhamos comecei a desenhar também personagens que brotavam na imensa caixa de madeira, lá tive meus primeiros contatos com super heróis. Lembro-me de comer espinafre cru para imitar o desenho animado do Popeye (marinheiro, que quando estava em dificuldades sacava uma lata de espinafre e ficava forte em questão de segundos). Nós tínhamos umas cadeiras (conjunto de mesa azul), lembro que eram muito desconfortáveis. Meu irmão, que é um pouco mais velho que eu, juntava todas as quatro cadeiras e formava o que ele chamava de sofá, colocava cobertores para amenizar o desconforto delas. Eu quase sempre preferia sentar no chão. Adorava assistir seriados e um dos meus favoritos era o homem aranha, com seus olhos redondos, lançadores de teias à mostra e, é claro, em preto e branco. Adorava o Incrível Hulk, um dos poucos programas da TV que assistia com minha mãe. Só mais tarde consegui ver suas cores. Nosso primeiro contato com uma televisão colorida se deu quando um vizinho nosso foi viajar e nos deixou sua TV para usarmos em sua ausência. Essa televisão era diferente da nossa, não só por ser colorida, mas, também por conter um controle remoto. As cores provocaram em mim uma outra relação com aquilo que era visto, criara uma dinâmica para o que eu via, sabia que existiam as cores e as cores dos meus personagens favoritos, mas não conseguia reproduzir as cores, pois só contava com lascas de carvões e sacolas pardas de pães.

Acredito ser, somado com um infância rodeada de afeto, a televisão meu maior referencial imagético e depois somada à ela vem os gibis. E onde comecei de certa forma, meu processo de autoformação. Aprendi a ler e escrever olhando a televisão, fazendo as deduções cabíveis de acordo com as palavras ditas e as escritas.

Lembro-me de termos jornais para ler toda vez que meu pai ia ao açougue, pois a carne era embrulhada em jornais do dia. Onde tive meu primeiro contato com desenho realista e o grotesco foi nesses jornais. Lembro-me com exatidão, das páginas policiais mostrando uma ossada em um terreno ermo, mas não era uma foto era um desenho. Tentei reproduzir o desenho e consegui. Gostei tanto que comecei a inventar meus próprios desenhos baseados em um cotidiano real.

Certa vez meu pai trouxe uma raiz de formato bem interessante, com um rosto humano esculpido em sua base. Não me contive e fiz algumas melhorias nela, meu pai nem notou. Mas não foi a primeira vez que ele não nota. Outra vez, não sei se foi antes ou

depois da raiz, fiz um desenho do Papa João Paulo II (para ver se o agradava), para mim estava perfeito, no entanto meu pai mostrou-se insatisfeito. Senti que ele gostou, mas só o fato dele me perguntar: “cadê a qualidade (cor) dele?” me fez perceber que ele não conseguiria ver ou sentir o desenho. Já contava com uns dez ou doze anos.

Essa experiência ocasionou um certo desconforto em relação ao desenho, pois naquele momento era preciso um incentivo. Um movimento que valorizasse minha inclinação para o campo da arte. Evocando novamente a fábula do Pequeno Príncipe, entendo a sensação de incompreensão experienciada, justamente, por não ter a minha ideia aceita pelo meu pai. Nesse momento, encontrei-me completamente sem chão. O desenho não precisava de cor, precisava naquele momento de incentivo. Mas fazendo minhas as palavras de Paulo Freire (1996, p. 115), “Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanicismos que o minimizam”. Então, compreendi naquele momento que, mesmo sem essa autorização paterna, precisaria desenhar, mesmo que fosse em preto e branco.

Sempre fui um pouco mais isolado, gostava de brincar é claro, no entanto sempre estava criando desenhos e projetos para futuras brincadeiras. Brincávamos muito na rua e isso fez com que nossa criatividade fosse largamente utilizada. As brincadeiras fazem parte do desenvolvimento da criança, como também um facilitador de aprendizagem, nesse sentido nos diz Oliveira (1995) apud Rolim & Guerra & Tassigny (2008, p. 179) que “assim, o brincar vai despertar aprendizagens que se desenvolverão e se tornarão parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo”. Penso que a fase infantil da vida, essa de se brincar, descobrir-se em um universo paralelo é fundamental para a formação e desenvolvimento da aprendizagem. As fantasias são importantes e agem como proteção, uma espécie de blindagem do mundo adulto. “Não é uma tentativa de fuga da realidade, mas, sim, uma busca por conhecê-la cada vez mais” como nos diz Melo & Valle (2005), apud Rolim et al (2008, p.177), entendo que o ser em formação assimila todas as informações que lhe são dadas. Querem ser astronautas, cientistas, enfim, tudo o que a imaginação possa lhes proporcionar. Nesse sentido, vale destacar a importância do incentivo para a consolidação da fantasia como elemento que possa ser transformador na formação do sujeito.

2 Vida e formação escolar

2.1 A escola

Na escola o mundo da criança se alarga, as brincadeiras se dividem com as tarefas, e foi em meio a este novo mundo que aos seis anos de idade, tive meu primeiro contato com essa realidade. Pode parecer maçante, mas minhas experiências formativas a partir dessa época foram cruciais para minha percepção de mundo. Nessa época tive meu primeiro lápis de escrever e vivenciei uma experiência peculiar com uma professora chamada Lúcia. Lembro-me que esta professora ficou impressionada com o meu desempenho, pois ela queria pegar na minha mão para escrever, mas eu já tinha coordenação motora bem desenvolvida, então eu pedi para que ela escrevesse no quadro e eu copiaria no caderno. Foi o que aconteceu. Copiava do quadro negro tão rápido quanto ela escrevia. Culpa das propagandas da televisão que sempre passava tão rápido com aquelas letrinhas.

Julgo necessário pensar que a formação, no contexto de processo de aprendizagem e o desenvolvimento cultural, se dão com fatores externos (casa, família e a cultura onde é inserido) e somados a isso os fatores internos (segurança de se ter um lar e amor fraterno). Nada disso é físico, palpável, mas constitui “oportunidades oferecidas [...] pelo contexto histórico e cultural”, como salienta Nunes & Silveira (2009, p. 100). Tive muitas oportunidades em minha vida acadêmica, por ser curioso muitas coisas me chamavam a atenção, como os quadros cheios de desenhos geométricos, de frações e outros desenhos que eu não conhecia, logo vinha o desejo de aprender o que era feito ali. No que tange o assunto do aprendizado nos esclarece Nunes & Silveira (2009, p.104):

A atividade espontânea da criança, como saber o nome de seus familiares, é impulsionada por motivos, necessidades, enquanto a escrita formal demanda habilidades que envolvem mecanismos de abstração complexos. Deste modo, o papel da escola é essencial no desenvolvimento de funções psicológicas mais avançadas, como, por exemplo, na construção de conceitos necessários ao domínio de uma escrita sistemática.

Em seu apontamento Nunes & Silveira nos põem a pensar que a aprendizagem e a autoaprendizagem caminham juntas, já que as habilidades onde seu desenvolvimento acontece, justamente por uma necessidade de interação com o ambiente. Essa interação, seja ela a fala, saber o nome dos pais ou de algum objeto, denota uma autoaprendizagem e junto a ela uma aprendizagem onde a figura de professor ou dos próprios pais é extremamente relevante. Nesse ponto, o ambiente familiar e o contexto escolar tem um papel crucial no que diz respeito a assuntos mais complexos. Dentro desta ótica o desenho toma um destaque na vida e na formação da criança, como observa Larissa David Ferreira (2015, p. 5):

Os autores chamam a atenção para a importância dessa fase muito significativa para criança já que é o início de uma expressão que conduz, não só ao desenho, mas também à palavra escrita. Quanto mais experiência vivida pela criança, mais amadurecimento ela obterá em seu desenvolvimento.

Coadunando com os estudos de Ferreira, percebi que o desenvolvimento se dá paulatinamente e com muito treino. À medida que envelhecemos percebemos o mundo e novos aprendizados. Penso que o amadurecimento dos rabiscos e o fato de viver desenhando, sejam letras ou formas geométricas, permitiu certa facilidade com desenhos de figuras humanas e com a escrita. Amadurecendo, assim, meus desenhos e minha percepção em outros tipos de linguagem. Como nos assegura Moreira (2009, p. 26) apud Larissa David Ferreira (2015, p. 3):

Ao desenhar a criança pode utilizar-se de diferentes linguagens como o brincar, falar, cantar dentre outras formas de expressão. Conforme a criança vai crescendo seus desenhos vão modificando-se também e as maneiras de desenhar não são idênticas em todas as crianças, levando em consideração a influência biológica, social, econômica e cultural das mesmas, além de suas características individuais.

Raciocínio de acordo com o autor supracitado, no sentido de que o desenvolvimento das crianças leva em conta fatores diferentes de criação e, além disso, existe o fator humano, o intimo de cada um é diferente e com isso novos olhares e formas diferentes de resolver o mesmo problema. Com isso o desenho se torna mais real, saindo de objetos palpáveis como casinhas

simples, por exemplo, para imagens mais complexas e cheias de detalhes. Levando em conta o apontamento de Ferreira (2015, p. 6) que diz:

[...] surge o primeiro conceito de espaço: a linha de base. Apesar da criança já ter um conceito definido quanto à figura humana, aparecem certos desvios como: exagero, omissão ou mudança de símbolo, mas também aparecem mais detalhes como cabelos, roupas, pés e mãos. Descobre-se a relação cor/objeto podendo haver desvio por experiência emocional e variedade no uso das cores buscando certo realismo. É uma fase de temas clássicos do desenho infantil como paisagens, casinhas, flores, super-heróis, veículos e animais.

Penso que Ferreira nos fala do desenho como fases de um desenvolvimento, uma ruptura de níveis, ou estágios da aprendizagem. A criança que já aponta para um conceito visual do ser humano, ainda possui dificuldades para representá-lo, mas esforça-se para colocar em seu desenho mais detalhes. Tudo começa com traços delimitados ao movimento das mãos, desordenados, são o ato de se fazer as chamadas garatujas. Depois, tudo ganha ares de novidade. Quando o desenho começa a ganhar forma, ainda com poucas definições, a criança atribui nomes ao desenho mesmo que esse não possua uma característica real. Outra fase seria o desenho realista, ou seja, uma representação mais fiel do que é real.

Fora do ambiente realista que envolva papel, lápis e canetas, tive a oportunidade de confeccionar quadros e tapetes utilizando uma agulha (Figura 6). Ela constitui um artefato que me mostrou que, para se fazer arte, não era apenas com o desenhar. Esta agulha abriu novos horizontes em minha vida artística, como a escultura em madeira e a modelagem em materiais diversos.



Figura 6: agulha mágica. Fonte: acervo particular.

Outro referencial artístico são os gibis. Amadureci e vi neles uma forma de mostrar isso. Um universo expandido, aprendi a desenhar coisas corriqueiras, como roupas e acessórios em decorrência das histórias vistas e lidas, então passei a observar um pouco mais o meu cotidiano e por esse raciocínio destaca Ferreira (2015, p. 7):

No espaço é descoberto o plano e a superposição, abandonando a linha de base. Na figura humana aparece o abandono das linhas, surgindo formas geométricas e maior rigidez e formalismo. Os desenhos tornam-se expressivos, não só contam histórias bem como refletem sua realidade.

O fragmento do estudo de Ferreira nos mostra, exatamente, como se dá essa condução do desenho infantil para um desenho em que se usam formas geométricas para, não só o desenho da figura humana, como para qualquer outro tipo de desenho. Realmente penso ser o desenho libertador. Quando criança, fazemos um emaranhado de linhas sem muita precisão, no entanto, à medida que crescemos as linhas vão se definindo. O esboço aparece como um guia para o desenho até que um dia não precisamos mais desse esboço ou linha de base. Nesse sentido, os gibis me ajudaram, pois não eram de uma faixa etária específica e isso me deu subsídio para aprimorar técnicas para

meus desenhos. Conseguia ver o desenho do homem aranha, por exemplo, desenhado de diversas formas por vários desenhistas, então vi que meu traço era único e que eu poderia também criar o meu desenho sem precisar copiar. O desenho poderia ser feito a partir da minha imaginação. Para Palva e Cardoso (2010) apud Ferreira (2015, p. 13), enfatizam que:

[...] é aconselhável que o professor proporcione aos alunos contato com diferentes desenhos e obras de arte para que possam interpretar e também sugira desenhos a partir de diferentes observações (cenários, objetos, pessoas) para que enriqueçam suas informações e o próprio grafismo explorando a criatividade.

Os autores propõem um tema que pode vir a ser discutido nas escolas e em lares: conhecimento e reconhecimento dos vários tipos de arte e a observação de outros cenários e culturas. Esse acesso ao inexplorado cativa a imaginação e o interesse, não só das crianças, mas também dos adultos. Creio que para a criança essa apresentação de diferentes desenhos e obras de arte, é algo formidável no sentido dela se sentir abraçada e recebida pela arte. Arte essa que a criança apenas imita sem saber o que é. É um campo onde se pode transitar livremente agraciado, muitas vezes, pela companhia de sujeitos que têm o mesmo referencial. Penso que é oportuno salientar uma memória que envolve um desses sujeitos:

Conheci um professor de educação artística que era muito diferente, para começar fisicamente ele chamava a atenção por não ter uma das mãos. Sempre sorridente e brincalhão, o oposto do que as pessoas e os filmes mostravam os artistas: sempre tristes e almas torturadas como vi em um filme certa vez. Para mim parecia que ele não tinha nenhum problema em desenhar, pois eu sendo canhoto não via nada de mais que ele desenhasse com a mão esquerda, então descobri que ele perdera a mão que de fato usava, reaprendendo a fazer tudo de novo com a esquerda. Eu o admirava muito. Até que um dia ele assumiu o cargo de professor substituto de língua inglesa, não mais podendo nos dar aulas de arte foi substituído por sua esposa que também era artista e uma pessoa espetacular.

Nesse sentido, Ken Robinson (2012, p. 236) nos joga uma luz quando diz que “todos os sistemas complexos dependem de diversos papéis para que as coisas funcionem; alguns têm mais destaque, outros atuam como importantes sistemas de apoio”. Ao trazer o pensamento de Robinson, saliento que a troca de professores (personagens que fazem parte da vivência do aluno), pode causar desconforto e sensação de abandono no estudante e, em contrapartida a isso o novo personagem pode vir com mais destaque ou como “importantes

sistemas de apoio”. Como foi nesse caso específico, gostava muito do professor, no entanto, foi com a professora que tive o meu primeiro contato com a tinta nanquim e a caneta bico de pena. Logo que as usei, fazendo algumas caveiras, ela se impressionou com meus desenhos e logo nos conselhos de classe ele me destacava como sendo um “superdotado hábil”. Então, depois disso, eu era convidado constantemente, pela biblioteca da escola, a ilustrar pôsteres de capas de livros diversos. E fiquei por muito tempo fazendo isso. Foi um reconhecimento que não esperava ter ali.

Outro referencial na prática artística é um professor-artista que conheci quando eu fiz um curso de gravuras no Espaço Cultural Renato Russo. Era uma oficina permanente de gravura, que nos foi ministrado pelo professor e artista Silvio Monteiro que, usando placas de acrílico, em sua maioria capas de CDs, e fabricando nossos próprios utensílios de gravura (Figura 7) que eram pontas secas feitas com pequenos pregos, agulhas e mais o que pudesse gravar em placas. O professor Silvio foi muito importante na minha carreira, pois me mostrou que os diversos instrumentos usados em execução artística, geralmente caras, podem ser substituídos por instrumentos diversos que temos ao nosso alcance de forma gratuita. Estava muito encantado com tudo, o ambiente, maquinários, e por fim via que o professor estava ali, realmente, pelos alunos.

Como nos indica Robinson (2012, p. 254) em seu estudo:

Muitos profissionais são contratados por causa do conhecimento que têm de suas matérias, em vez do interesse pelos alunos. A boa execução da tarefa exige conhecimento pessoal e capacidade de envolver as pessoas.

Penso que Robinson foi bastante inspirador, pois o professor é um conhecedor, não só apenas de suas matérias curriculares, mas também um conhecedor de gente, empático e reconhecedor dos problemas que afligem seus alunos. Esse é o grande diferencial entre o profissional que está disposto a ensinar o aluno, tendo o conhecimento de si e do outro, essa preocupação se o aluno está bem, se está realmente aprendendo ou se isso é o que ele deseja. Diante disso, tive uma vontade, confesso, de ser um professor e ministrar aulas/ oficinas como aquele professor que tanto horizonte me mostrou.

Logo no meu primeiro dia no curso, mostrei-lhe um jogo de goivas para gravuras, algo simples e barato, ele logo começou a quebrá-lo. Queria só os cabos que eram de madeira, então ele começou a fabrica de novas ferramentas, usava alfinetes para arranhar a superfície de acrílico, até partes de um isqueiro foi usado como ferramenta. Com as ferramentas prontas começamos a confecção demarca- páginas. Penso nesse ato de se quebrar um instrumento útil e reinventá-lo, é como se coisas do passado que me prendia a pensamentos antiquados fosse reinventado, ou seja, outro caminho para se alcançar o mesmo objetivo.



Figura 7. Ferramentas de gravura. Fonte: acervo particular

Depois do curso de gravura pude vislumbrar uma possibilidade de ter uma graduação naquilo que eu gostaria: artes. Foi ai que tentei o vestibular para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Consegui fazer a inscrição para o vestibular tradicional e, passando em todas as etapas necessárias, fui aprovado e iniciei, no segundo semestre de 2013, o referido curso.

2.2 A Universidade

Ao pensar em educação e sua aplicação prática na vida, vem a mente o ensino aplicado nos séculos passados. Começando pela escolha do curso pretendido, que era quase que de forma hereditária, ou seja, o médico teria seu filho matriculado no curso de medicina, perpetuando assim, uma linhagem. Quando penso nisso vem à mente uma questão: onde estavam, ou melhor, onde se localizam as famílias que não eram abastadas? Ou corrigindo ainda mais. Onde estavam os estudantes que não tinham recursos? Essas explicações trazem lembranças da minha origem de poucos recursos e como se ter uma formação sem nenhum incentivo, no que concerne a escolha de curso e de

Universidade. Somos guiados por nosso livre arbítrio, sem hereditariedade, por sermos os primeiros a ingressar em estudos e sem termos uma visão clara do que pode acontecer, ou seja, trocar ou mesmo coadunar o trabalho com os estudos, podendo sacrificar nosso tempo de repouso em prol de um e outro. Aprendi no contexto universitário a respeitar, ainda mais, as diferenças. Pois o ambiente universitário, para mim, é como um pequeno mundo onde temos o direito e o dever de vivermos em harmonia. Nesse sentido Paulo Freire (2009, p. 36) nos fala que:

Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez.

Certamente, Freire nos aponta uma situação, que muitas das vezes, temos de mostrar bom senso e humildade, características de um bom educador e de sujeito melhor que reconhecem e respeitam os demais. Sem tais características não “conseguimos regular nossos exageros” e somos mais propensos a caminhar “até o ridículo e a insensatez”.

Ao ser aprovado no curso e vendo o começo de um sonho ser concretizado, tive uma imensa alegria e minha esposa demonstrou o que também estava feliz. Estávamos comemorando cinco meses do nascimento de nosso filho. Cogitei em não me matricular, pois uma criança requer cuidados, mas com a ajuda e compreensão da minha esposa fomos fazer o registro acadêmico, juntos.

Nesse processo, surgiram muitos medos, achava que estaria ingressando muito tarde na universidade e também pensava que encontraria apenas jovens e que eu seria o único mais velho ali. Passei todo tempo das férias que antecederiam as aulas pensando nisso. Pois tudo era novo e de certa forma o novo nos assusta em principio, mas fazendo alusão a Touraine (2006) apud Veronese & Lacerda (2011, p. 424) que afirmam:

Não podemos pensar os processos de subjetivação como exclusivamente individuais, vividos pelo sujeito na construção de seu mundo interno, mas sim como um processo de socialização, sempre relacional, gerando formas de sociabilidades diversas.

Penso sermos construídos aos poucos, tijolo por tijolo, e quando de repente nos demos de cara com um mundo novo, nos adaptamos, transmutamos e também nos tornamos *novo*. Gerando novos mecanismos para nos incluir nas diversas sociabilidades de que fala o autor. Para crescermos como sujeitos temos que nos socializarmos, nos relacionar com novas pessoas e suas diferenças.

Mas no fim das contas me adaptei e percebi que o mundo é muito maior do que aquele de onde eu vim. A educação nos faz vislumbrar novas oportunidades de aprendizagem, não só com os professores, mas também com os demais colegas de formação. No Departamento de Artes Visuais, foi constante a troca de experiências entre os colegas. Acredito que a partir da observação dos trabalhos artísticos e dessa troca de experiências aprendi consideravelmente sobre o universo da arte. Também percebi que precisaria melhorar, assim, busquei ao ingressar na universidade, parcerias e diálogos com amigos e professores que pudessem enriquecer o meu desenvolvimento artístico e pessoal. No que tange esse assunto Josso (2007, p. 424) nos diz que

[...] a própria idéia de identidade toma forma na vida dos humanos, através de suas pertencas suas solidariedades, suas atividades, seus laços simbólicos ou concretos e seu “ser-no-mundo”; enfim, porque este conceito designa uma problemática que acompanha o percurso de vida, vivida numa tensão permanente entre as transformações das pressões do coletivo e a evolução dos sonhos, desejos e aspirações individuais

Penso que as estruturas do sujeito vão se alimentando de novos acontecimentos, onde a sua identidade vai ganhando mais forma. Os diversos saberes e valores formam uma nova identidade frente aos novos desafios. Recriando novos valores e novos saberes que serão úteis no caminho escolhido. Diante do novo começamos a explorar um pouco mais desse ambiente educacional que representa a formação acadêmica na Universidade. Nas primeiras aulas aprendi muito nas disciplinas. Matérias realmente novas para mim e um conhecimento que nunca supus ter, saído de desenhos com papeis inapropriados para papeis e materiais diversos que jamais tinha tido contato. Isso era bom, mas as teorias que vieram agregar em meus trabalhos eram melhores. Foi na Universidade que ouvi falar em poética. Quando alguém observava meus desenhos, logo disparava: qual a sua poética? Tal pergunta ecoava na minha cabeça como a frase de meu pai ao indagar “*cadê a*

qualidade dele?” fazendo uma alusão ao desenho do papa que lhe foi apresentado por mim na minha infância. A “qualidade” em questão era a cor do dito desenho. Penso na lembrança que uma simples frase é capaz. Como um gatilho pronto para ser acionado e liberar aquela memória que há tempos havia sido esquecida. Esse exercício de se lembrar faz com que o sujeito dialogue consigo mesmo, estruturando sua identidade e recriando-a de modo íntimo. No que discorre Michael Pollak (1992, p. 2):

É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala.

Justo pensar que a solidez de nossa memória possa ser enganosa, já que acontecimentos há muito tempo esquecidos podem aparecer como impressões. Como nos fala Pollak que o número de elementos torna-se realidade e que passam a fazer parte “da própria essência da pessoa” (Pollak (1992, p. 2). Razão para se ter um cuidado maior nas recriações de memórias, que são, muitas vezes, derivações de outras pessoas por meio da fala (contadas) em que o exercício de memória é do outro e não a nossa.

Logo que fiquei sabendo de um curso chamado ilustração científica no Departamento de Biologia, me interessei, o curso era dividido em três módulos, um por semestre. Tive concomitante às aulas de ilustração científica no departamento de biologia, aulas de desenho no departamento de artes. O que me trouxe certo atrito de estilos, por um lado uma técnica científica com suas regras, alinhamentos técnicos e a realidade literal da peça botânica, por outro lado desenhos imaginativos sem uma regra definida. Imaginava o que, dentro deste universo, poderia fazer como formação, eram tantas alternativas e todas me atraíam.

Diante do exposto Freire (2006, p. 87) nos fala:

O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológica ela vai se tornando.

Creio no potencial da curiosidade e nas descobertas que ela nos proporciona, sobretudo quando essa curiosidade é transformada em ação. Uma catapulta

que nos arremessa mais adiante de nossos conhecimentos. E, uma vez alcançado o objeto do qual é fruto da curiosidade, nos lançamos para o próximo objeto. Sempre me interessei por múltiplas formas de arte, achava que conhecia de tudo. Mas foi na Universidade que, realmente, comecei a ver outras perspectivas. As minhas bagagens culturais vão se somando e se transformando, isso faz com que os gostos de ontem já não satisfaçam mais um paladar apurado. No entanto, o cerne, a base do que somos não se despedaça e se agrega em uma nova criatura, apenas se soma e cresce. Penso também no enriquecimento que a Graduação em Artes Visuais acrescentou e acrescenta em minha vida. O quanto bons professores me ajudaram e, diante disso, chamo Freire (2009, p. 96) para nos elucidar, dizendo: “Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo”. Os professores têm um grande papel, não só na vida acadêmica associada com a instituição, mas em toda a nossa vida. Nesse sentido, a memória é o melhor lugar para nos (re)encontrarmos com determinadas lembranças que foram determinantes para a nossa formação.

2.3 Experiência docente: os estágios

Esse tópico está centrado em experiências com as Disciplinas de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 1 e 2 ministradas, respectivamente, pelas professoras: Claudia Washington e Lisa Minari. Os Estágios foram desenvolvidos na mesma escola (Escola Classe 33, situado em Ceilândia- DF) e com dois professores completamente diferentes em sua forma de educar: professor Gerson Aragão (Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 1 em observação de aula) e a professora Emanuelle Mendes das Chagas (Estágio Supervisionado 2 – observação e regência).

Na Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 1 passei por alguns problemas com a formalização do estágio entre a Universidade de Brasília e a Escola 33, pois estávamos passando pelo período de greves gerais onde os alunos ocupavam o Campus. Na Disciplina de Estágio Supervisionado

em Artes Plásticas 2 não tive problemas, e ainda sendo na mesma escola, fui recebido com alegria.

Em princípio, desde quando ingressei no Curso de Licenciatura, fiquei apreensivo com esse momento decisivo relacionado com os estágios. Minha apreensão residia tanto na questão pessoal, pois precisaria ausentar-me do trabalho para fazer o estágio, como no aspecto da própria experiência acerca de tudo aquilo que envolvia a experiência docente relacionada com o estágio. No entanto, esse mundo novo (a escola a partir de um olhar docente) é mais carregado de responsabilidades do que a minha experiência como aluno poderia imaginar. Para Albert Bandura (2008), cada pessoa descobrirá a melhor forma de aprender a partir das condições que lhe dão o meio em que vive. Penso que a aprendizagem se dá quando o meio no qual o sujeito é inserido, colabora como estímulo. Como desbravador da sua própria vida, o aluno aprende por seu próprio interesse dando “valor” ao aprendizado. David Ausubel (1970) defende que as pessoas organizam seus conhecimentos de forma hierárquica, de modo que aquilo que for mais relevante para o indivíduo seja por afinidade ou por necessidade, tenderá a ser melhor fixado no processo de aprendizagem.

Acredito que o cuidado com o aprendiz, com o meio de onde é proveniente e os contrastes sociais que podem vir a acontecer, são uma constante na rotina da docência. O professor não é um remédio amargo a ser ministrado e tão pouco o aluno um enfermo que necessita de tal remédio. Mas sim dois colaboradores para vencer o mal comum: a ignorância. Como disse Paulo Freire (1993, p. 27):

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

Assim, busco alicerces nas palavras de Freire para dizer que o professor não ensina e nem aprende sem o aluno. O reconhecimento do outro é fator preponderante para uma boa educação, o aprendiz aprende pois tem confiança

no conhecimento aprendido pelo mestre que, notando a curiosidade e forma de aprender do aprendiz, também aprende com ele.

3 Projeto ver o outro

3.1 Contexto e relevância do projeto

Neste tópico apresentarei uma experiência formativa vivenciada em uma oficina de desenho ministrada por mim para sujeitos em situação de rua. Tal oficina é fruto da Disciplina Desenho 4, ofertada no primeiro semestre de 2018, um projeto de regência conduzido pela professora Rosana Castro. A oficina teve por finalidade ajudar o sujeito em situação de rua no tocante a ter um olhar mais humano de si e do próximo. É contundente para mim o fato de uma oficina ter o caráter, nesse sentido como um redutor de danos. Uma hora de oficina é, sem dúvida, uma hora sem o risco ou o contato com os riscos inerentes de quem vive na rua. Não gosto de pensar que a oficina é inócua ou estérea, no entanto, também tenho de ter o pensamento de que o desenho pode, de repente, conquistar uns e não outros. A ideia é se mergulhar no mundo do desenho e fazer um convite as pessoas em situação de rua a se juntarem a nós e fazermos um novo ciclo de amizades e autoconhecimento.

O principal objeto do projeto reside na questão da memória, ou seja, quais são as lembranças e experiências que foram relevantes para estes sujeitos que se encontram em situação de rua? Nesse sentido, tal experiência enfatizou aspectos relacionados com a prática do desenho ou atividade imaginativa ou psicomotora. Nesse ponto vale ressaltar o que Nunes & Silveira (2009, p. 107) apontam a partir dos estudos de Vygotsky (1999):

As descobertas de Vygotsky, sobre o processo de formação das estruturas psicológicas, revelam que a atividade intelectual do sujeito não é realizada mecanicamente e nem por repetições impostas pelo outro. Ao contrário, é realizada por mediações construídas em situações de interação. Essas atividades mediadas caracterizam toda forma superior de comportamento, como a linguagem, o pensamento abstrato, a memória voluntária, dentre outras, e funcionam como um mecanismo interno que requer não apenas a memorização de conteúdos, mas, principalmente, a relação de significados entre os diversos signos culturais, presentes no mundo.

Penso a mediação de informações como esse momento de rememoração, de quando a aprendizagem de algum tempo é trazido à tona e o ambiente revivido

com ares de superação, mostrando os percalços de uma caminhada que ainda não chegou ao fim. Robinson (2012, p. 237) cita como sua esposa Terry, que em seu ensino secundário na Inglaterra, treinava hóquei em um dia que ela não gostava e no frio. Suas colegas, mais rápidas, altas e fortes e mais interessadas no esporte eram como trens desgovernados. E Terry “se sentia como se estivesse abandonada e sem amparo em frente aos trens” (p. 237). Ele conta que hoje ela afirma que “tudo não teria sido tão difícil se as colegas que adoravam superá-la nas partidas de hóquei aparecessem nas aulas semanais de balé, quando minha esposa se destacava e se sentia bem” (p. 237). Esse exemplo sinaliza o que estamos conversando e diz respeito às diversidades de talentos. O que temos de melhor pode servir de complemento para o outro e vice versa.

Os talentos estão, muitas vezes, desprezados por falta de um diagnóstico preciso nos jovens que os possuem. Quero dizer, que todos temos talentos, no entanto, dentro do contexto escolar temos um universo pouco aproveitado para os diversos tipos de talentos. Inclusive, acredito que a mudança de cenário possa estar pautada numa perspectiva que privilegia a história de vida do sujeito, a partir de questões vivenciados no âmbito social e pessoal. Marie-Christine Josso (2007, p. 415) acentua tal aspecto, esclarecendo que:

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. As crenças de cada um e de cada uma sobre as potencialidades do humano desempenham aqui um papel maior. E será facilmente compreensível a importância de trabalhá-las explicitamente se pretendemos contribuir para mudanças sérias no fazer e no pensar de nossa humanidade.

Quando o ser humano age com empatia, solidariza-se com seu igual. Constrói outros modos para pensar sobre a vida e as possibilidades para o futuro. Assim, minha intenção com o referido projeto reflete uma maneira de colocar o sujeito como protagonista da cena, acentuando questões que são comuns e vivenciadas coletivamente. Um modo de ação que possa beneficiar o próximo, como um balsamo vivificante ameniza a dor de uma existência fragilizada,

corrompida pelos anos. Penso que estamos sempre nos modificando e construindo outras alternativas para conduzir nossa trajetória.

Ainda em consonância com o pensamento de Josso (2007. p. 415), entendo que a possibilidade de executar um projeto que leve em conta o sujeito em situação de rua, permite acreditar em

[...] um lugar de geração, aprofundamento ou desenvolvimento de competências diversas, como eram na origem, transformam-se progressivamente em lugar de nova socialização, de reformulação dos laços sociais, de redefinição de projetos de vida, portanto, de redefinição do que é compreendido por muitos como uma identidade evolutiva, graças ao fato de levarem em consideração a perspectiva existencial através da qual a vida em suas dimensões psicossomáticas e socioculturais toma forma, se deforma, se transforma, e, dessa maneira, impõe a criação ou recriação de sentido para si – mais ou menos possível de partilhar com outros – e de novas formas de existência e de subsistência.

Nesse aspecto, o projeto enfatizou questões pontuais acerca do reconhecimento do próprio sujeito numa abordagem reflexiva, considerando a experiência de vida, sobretudo, quando essa experiência pressupõe viver em situação de rua. Assim, o público alvo pretendido foi, a priori, sujeito em situação de rua, pois penso que tal sujeito transita em uma atmosfera que está sempre mudando, evoluindo, dentro do que é normal nessa comunidade com os avanços da modernidade. De acordo com informações publicadas⁵, “pelo IPEA com base em dados de 2015 projetou que o Brasil tem pouco mais de 100 mil pessoas vivendo nas ruas”.

Tal dado, então me chamou a atenção para o trabalho desenvolvido na Escola de Meninos e Meninas do Parque e no Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS). O primeiro, fundado em 1992, consiste em uma escola responsável pela educação de pessoas em situação de rua, em sua maioria crianças e jovens que está há muitos anos sem o contato com os estudos ou nunca tiveram tal oportunidade. Precisam ser acolhidas para que se sintam à vontade e, assim, permaneçam na instituição. Aqueles que moram na rua são levados para fazerem o asseio pessoal e se alimentar nos Centros de

⁵ Pesquisa do IPEA vista em 20/06/2019 no site:
www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id...

Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centro Pop) ou no programa Cidade Acolhedora, da Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (SEDEST). Às 12h, eles chegam à EMMP (Escola de Meninos e Meninas do Parque), almoçam e, na sequência, seguem para as salas de aula.

No Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), são atendidas pessoas e famílias em situação de risco social ou tiveram seus direitos violados como: violência física, psicológica e negligência; violência sexual; afastamento do convívio familiar devido à aplicação de medida de proteção; situação de rua; abandono; trabalho infantil; discriminação por orientação sexual e/ou raça/etnia; descumprimento de condicionalidades do Programa Bolsa Família em decorrência de violação de direitos; cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida e de Prestação de Serviços à Comunidade por adolescentes, entre outras. É obrigatória, na unidade, a oferta do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI) e pode ofertar, também, outros serviços como Abordagem Social e Serviço para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas famílias e ofertar o serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, além de orientar e encaminhar os cidadãos para os serviços da assistência social ou demais serviços públicos existentes no município bem como informações, orientação jurídica, apoio no acesso à documentação pessoal e estimula a mobilização comunitária.

3.2 Representação de si e do outro: o projeto em ação

Apresento aqui o roteiro definido para a elaboração do projeto, ressaltando que a oficina foi ministrada no CREAS de Ceilândia situado na QNM 16 A.E. Módulo A.-, Ceilândia Norte, DF, 72210-161.

Propus para o desenvolvimento do projeto (Figuras 8, 9, 10 e 11) que os colaboradores pudessem aprender sobre o tipo material utilizado em um desenho e, afinando sua observação, desenhassem o rosto humano colocando a familiaridade de sua identidade. Para tanto, trabalhei com seis pessoas. As pessoas aqui envolvidas são duas pessoas em situação de rua e quatro

peças da equipe de apoio do Instituto Ipê que é responsável pelo acolhimento dos sujeitos em situação de rua. Algumas pessoas da equipe de apoio já viveram em situação de rua, isso, de certa forma, ajuda no contato e acolhimento. Parece oportuno acrescentar uma observação de Touraine (2006) apud Veronese & Lacerda (2011, p. 424), ao enfatizar que:

O sujeito parece encoberto pela banalidade do eu e de sua situação, assim como um livro é encoberto pela areia de uma duna, e não pode mais ser encontrado porque não tem nenhuma comunicação com a areia que o encobre. Isto explica que, o sujeito está ausente (inconsciente), como se fosse desconhecido.

De acordo com a perspectiva apontada, entendo que cada sujeito carrega em si mesmo uma potencialidade. Tal potencialidade precisa ser descoberta para permitir que o sujeito perceba a si mesmo e promova a ressignificação dessa experiência que banalizou sua vida, ou seja, a situação de rua que recobre quem realmente ele poderá ser.

O projeto foi realizado no dia 20 de junho de 2018, com seis colaboradores: Alex (situação de rua), Carioca (equipe de apoio), Carlos (equipe de apoio), Jaciara (equipe de apoio), Natália (situação de rua) e Werles (equipe de apoio).

Os presentes em princípio se encontravam um pouco desinteressados, no entanto, à medida que eu mostrei as diferenças entre o lápis simples usados na escrita e o de desenho, o interesse foi estabelecido. Percebi o interesse de todos no grupo, só a Jaciara que no começo não havia se identificado com os materiais e com alguns desenhos que foram mostrados como estímulo ao uso do material. Mas, ao longo da parte prática ela se “jogou” um pouco mais. Nesse momento pude lembrar quando comecei a usar os instrumentos para o desenho e pude contar-lhes um pouco dessa experiência, de como usava sacolas de pão e carvão para desenhar, de como o tipo de grafite do lápis faz diferença no desenho. Nesse momento do projeto, percebi a relevância das memórias para o processo de formação do sujeito, sobretudo “[...] quando o fragmento narrativo permite romper com as amarras presentificadas em acontecimentos remotos e recentes, perfazendo relações entre lembranças e cenas vividas [...]” (FERREIRA, 2017, p. 77-78). Percebi como determinadas lembranças que foram contadas no decorrer do texto, serviram como alicerce

para fundamentar questões importantes no momento da interlocução com os colaboradores da pesquisa.

Destaco que a impressão que tive sobre a participação da Natália e do Alex acentuou minha percepção quanto ao conceito de inteligência e de observação. Conceitos presentes tanto na participação quanto na elaboração dos trabalhos. Observei a partir dos apontamentos realizados pelos dois colaboradores, que a experiência denotou, de alguma forma, algo que foi esquecido e a oficina ativou determinadas memórias. De acordo com o pensamento de Ferreira (2017, p. 79), ao afirmar que, “os fragmentos narrativos exercem essa tarefa de reconstruir contextualmente o tempo e o espaço acerca das ações vivenciadas, sobretudo com outras pessoas, em determinado tempo e lugar”, entendo que ao rememorarem o que há muito tempo foi feito, eles desenharam com muita simplicidade, porém como muita habilidade. Pois mostravam sua criatividade de uma forma bastante simples, quase infantil. Veio à mente que eles tinham parado no tempo, no que diz respeito ao desenho e esse exercício inicial serviu para lembrá-los dessa época. No tocante à criatividade, Ana Mae Barbosa (1995, p. 57) aponta que “quando um escritor está falando de pessoa criativa, nós não sabemos se ele está falando acerca de pessoas como Picasso, ou se cerca de pessoas que alcançam alto *score* em testes de pensamento divergente”. Penso que o que Barbosa nos coloca é a falta de denominação clara para a criatividade notória de um grande artista, que pode ter o pensamento divergente (que busca todas as possíveis soluções para um problema) e uma pessoa que fez testes de pensamento divergente tendo altas notas, no entanto, não fez algo de criativo.

A oficina cumpriu seu papel no sentido da interação entre todos. Quando aplicado uma dinâmica de continuação do desenho do outro, notei o respeito com que o próximo a desenhar mantinha a ideia original preconcebida, como exemplo: onde tinha um lago foi posto peixes, onde existiam nuvens, gotas de chuva, onde tinha céu colocava-se um sol e assim foi a ideia que tiveram para uma continuação de um desenho feito por outro. O desenho da Natália mostrou uma pequena casa com uma família, ela, um companheiro e uma criança (conversando descobri que ela tinha dois filhos que são criados pela sua mãe e

que, por desentendimento, Natália saiu de casa e já vive há dois anos nas ruas). Então nas continuações sucessivas alguém colocou um lago perto, então ela brincou, falando: “*agora eu sou ribeirinha*”.

Conhecer o outro já é difícil imagine conhecer a si, tal assertiva foi palco para uma discursão interessante, palavras como “empatia” e “o outro” mostrou-nos o quão profunda foi a dinâmica. E ressaltado aqui que a atividade foi esclarecedora e norteadora para todos. A equipe de apoio se envolveu nas discursões no que se refere aos acontecimentos entre eles envolvendo antipatia uns pelos outros que, com o tempo, foi se tornando parceria. Um exemplo disso é que Carioca e o Carlos, por algum tempo tiveram um desentendimento no passado mas que, segundo Carioca, tudo se resolveu quando o outro foi observado com mais atenção. Nesse momento, notei Natália e Alex se olhando como que reflexivos. No final, depois que todos se foram, vi o casal e fui conversar para saber um pouco mais e eles me relataram ter gostado muito e que agora teriam um novo olhar sobre as pessoas e coisas. Para Veronese & Lacerda (2011, p. 424):

Não é possível existir autogestão sem sujeitos. Esses novos movimentos do âmbito laboral não buscam apenas a reinserção dos trabalhadores no mercado formal ou a sustentabilidade de comunidades carentes, mas também carregam, em seus princípios, um potencial transformador.

Sigo pensando o que Veronese & Lacerda (2011, p.424) nos diz em seus estudos, os novos movimentos sociais ou cursos de qualificação, vão além de ofertas de emprego ou ajuda às pessoas carentes. Mas, contudo, tem como função a transformação do sujeito. Reconheci sujeitos dispostos a terem uma visão mais otimista com esse potencial transformador. A educação abarca todos os níveis sociais e pode funcionar como uma ponte para novos horizontes.



Figura 8: ministração da oficina. Da esquerda para a direita: Carlos, Alex, Jaciara, Ademi, Werles, Carioca e Natália. Fonte: acervo particular



Figura 9: ministração da oficina. Fonte: acervo particular



Figura 10: ministração da oficina. Fonte: acervo particular



Figura 11: ministração da oficina. Fonte: acervo particular

4 Considerações finais

Vivemos em um mundo que se encontra em constantes mudanças. Tais mudanças são tão rápidas que o hoje se torna, rapidamente, memória. Eis o ponto em que quero chegar: desbravando a memória seremos sujeitos responsáveis pelas nossas escolhas futuras. Os apontamentos sobre as minhas lembranças me trouxeram parte de mim que antes era esquecida, uma parte fundamental para a escolha da docência em Artes Visuais. Estudando sobre o tema de que é alvo esse Trabalho de Conclusão de Curso, percebi o quanto esse ato de rememoração é importante. Junto a isso vem Josso (2007, p. 419) a nos dizer:

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

Penso que essa história de vida é uma ponte que nos liga no mundo presente e futuro. Nossos passos são ancorados por nossas memórias. Explico. Não por acaso começo esse trabalho usando a fábula de Antoine de Saint-Exupéry, autor do Pequeno Príncipe. A criança foi fadada ao insucesso como pintor ou desenhista, por uma lembrança que levava consigo: a falta de estímulo. Essa falta de estímulo era representada pelo seu antigo desenho, que ele levava no bolso, mesmo depois de adulto. A “representação de si”, usando as palavras de Josso (2007), só pode se modificar quando uma criança (O Pequeno Príncipe) reconheceu o desenho e pediu outro. Foi uma afronta à sua memória, o que chamou o avião a reflexão e, conseqüentemente, a uma transformação de si.

Minha formação e autoformação no campo das artes não são diferentes. São pautados pelas reflexões que as memórias, que se encontravam na periferia de minha mente, foram focalizadas pelos holofotes dos meus pensamentos. Trazendo o confronto com o passado e as transformações que advém disso.

Gostaria que essa investigação, esse vasculhar as gavetas da memória, fosse trazida e usada por outras pessoas, no presente trabalho pude usar com alguns sujeitos. Se mostraram muito receptivos e notei alguma modificação em

suas faces, como se estivessem mais aliviados, menos estressados e, conseqüentemente mais felizes. Naquele momento me senti um docente.

5 Referências

AUSUBEL, David, Psicologia educacional: uma visão cognitiva. Rio de Janeiro: Editoria Interamericana Ltda., 1980.

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G. POLYDORO, Sueli; Teoria Social Cognitiva: Conceitos básico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BERGSON, Henri; Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Teoria e prática da Educação Artística. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de formação. Revista de FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 24, julho/dezembro, p. 31-40, 2005. Disponível em: www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero24.pdf Acesso em: 19 de junho de 2019.

COSTA, Johnatan da Silva; PAIVA, Natália M. N.; A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? ; ano 2015. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf acessado em 13/06/2019.

DUVE, Thierry de. Fazendo escola (ou refazendo-a?). Chapecó: Argos Editora, 2012.

FERREIRA, Larissa David; A Importância do desenho na alfabetização de crianças; V Encontro científico e Simpósio de educação Unisalesiano; São Paulo, Outubro de 2015. Disponível em: www.unisalesiano.edu.br/simposio2015/publicado/artigo0100.pdf Acesso em: 13 de junho de 2019.

FERREIRA, Lúcia Gracia; Os Ateliês Biográficos de Projeto e os processos formativos de professores: diálogos, (auto) biografia e ludicidade; APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (URFB), Ano IX n. 15 p.99-110 2015. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/5488/pdf_41 Acesso em: 12 de junho de 2019.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Narrativas Autobiográficas: entre lembranças, experiências e artefatos. In: Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 02, n. 04, p. 75-87, jan./abr. 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3129> Acesso em: 25 junho 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. Editora: Olho D'Água, Perdizes/São Paulo, 1995.

GILBERTO, Velho. Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GUERRA, Siena Sales Freitas; ROLIM, Amanda Alencar Machado; TASSIGNY, Mônica Mota; Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Rev. Humanidades, Fortaleza, Universidade de Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

Disponível em: https://www.academia.edu/20266536/Brincar_vygotsky Acesso em 21 de junho de 2019.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In.: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 31 - 49.

JOSSO, Marie-Christine; A transformação de si a partir da narração de histórias de vida; Porto Alegre/RS, UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf Acesso em: 10 de abril de 2019.

JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KAY, Jerald; TASMAN, Allan; Psiquiatria, ciência comportamental e fundamentos clínicos; Barueri- SP: Editora Manole; 1ª edição, 2002.

LACERDA, Luiz Felipe Barboza; VERONESE, Marília Veríssimo; O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine; Soc.e Cult., Goiânia, Ufg, v. 14, n. 2, p. 419-426, jul./dez.; 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/17616/10568> Acesso em: 19 de junho de 2019

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N. Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos. Fortaleza: Editora Líber Livro, 2009.

POLLAK, Michael; Memória e identidade social; Estudos Históricos, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 19 de junho de 2019.

ROBINSON, Ken. Libertando o poder criativo: as teorias sobre imaginação, criatividade e inovações que despertam os talentos reprimidos. São Paulo: HSM Editora, 2012.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe. Rio de Janeiro. – 48 ed.- Rio de Janeiro: Agir, 2009.

5 Anexos

5.1 Apêndices

Realizada no dia 21 de junho do ano de 2018, contam-se os presentes em seis: Abílio (equipe de apoio), Adriano (equipe de apoio), Alex (situação de rua), Júlio (equipe de apoio), Marcos (equipe de apoio) e Natália (situação de rua).

Hoje foi uma nova turma com o retorno de Alex e Natália que visivelmente gostaram do primeiro dia. Por ter vindo pessoas novas tive de repassar rapidamente o conteúdo anterior. Tive pouco tempo, pois houve uma demora para a chegada dos colaboradores, o conteúdo foi o seguinte:

Técnicas de desenho livre com figuras geométricas, com a dinâmica de que todos fizessem qualquer forma, geométrica ou não. O outro que estaria á frente da pessoa completaria o espaço deixado pela linha desenhada.

Observação: gostei do resultado, pois Natália, em especial, queixava-se de dores no dente e cabeça, fez o exercício proposto. O desenho de todos foi bem executado. Notei no Alex, no começo, um pouco mais disperso (como se tivesse preocupado com algo ou estava lá pela Natália). Aos poucos foi se soltando um pouco mais.

O Marcos nesse exercício ficou empolgado e conseguiu manter, dentro do normal, o foco no exercício, sendo um destaque com o desenho de um violão a partir dos traços Abílio.

Como segundo exercício, fizemos uma cabeça humana usando triângulo, retângulos e círculo. Usando como referência proporcional os olhos e o nariz.

A dinâmica aconteceu da seguinte forma:

Desenhar o outro usando essas referências.

Nesse exercício, mais uma vez, a Natália se destacava perguntando e querendo ir além do que foi combinado na proposta inicial, mostrando empolgação e entusiasmo mesmo sentindo dores. Já o Alex teve um pouco mais de dificuldade, mas só perguntava alguma coisa quando eu estava perto. Teve dificuldades com as dimensões do desenho. Mas parecia tranquilo com relação a isso. O resto da equipe gostou muito e o Marcos começou a dispersar, mas quando eu mostrei para ele alguns tópicos de seu desenho então ele voltou a se interessar.

Gostei muito do resultado, infelizmente não tive como fazer a parte final que seria um desenho de observação livre onde o grupo desenharia um objeto de sua escolha. No mais adorei e a sensação que tenho é que faz a diferença você mostrar um novo mundo para pessoas que tiveram o último contato com o desenho quando eram crianças.

Realizada no dia 22 de junho do ano de 2018, contam-se os presentes em oito: Alex (situação de rua), Adriano(equipe de apoio), Carioca (equipe de apoio),Carlos (equipe de apoio),Jacira (equipe de apoio), Natália (situação de rua), Werles (equipe de apoio) e outro da equipe de apoio cujo desenho não foi identificado.

Foi muito bom ver todos os integrantes da primeira turma voltarem. A sala ficou pequena. Uma pena o Alex ter tomado remédios que o deixaram sonolento, realmente não conseguiu fazer nada e dormia constantemente, já a Natália terminou o retrato que fez do Alex e começou outro do exercício proposto. Não conseguimos avançar no conteúdo de luz e sombras que eu tinha imaginado, todos estavam ansiosos para terminar a imagem retratada do outro. Foi uma surpresa quando viram os primeiros desenhos e o ultimo. Tentei controlar o tempo dando 10 minutos para fazerem o exercício, no entanto algo não os deixava parar de desenhar.

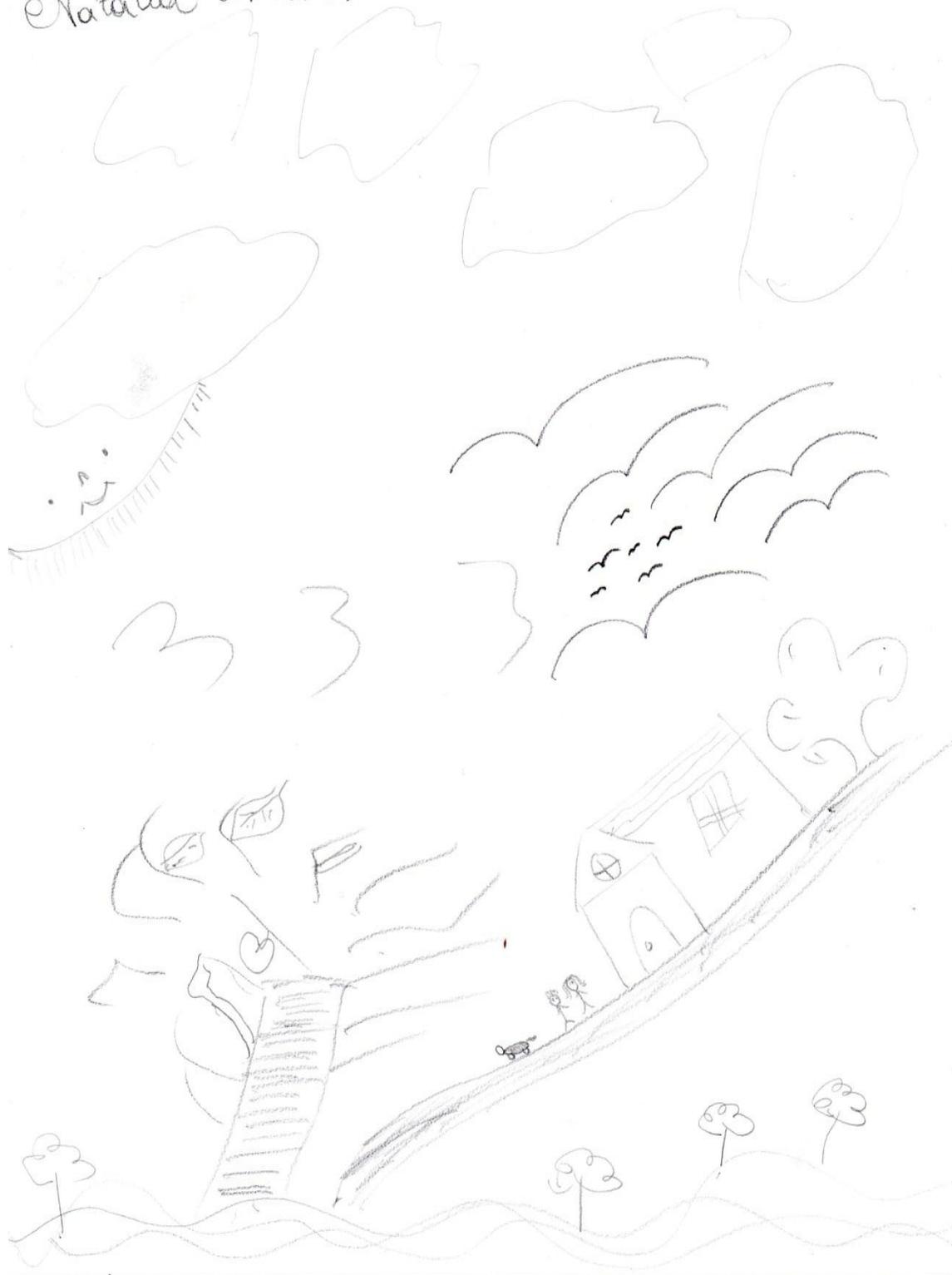
Havia feito programação para seis pessoas e duas pessoas ficaram sem material, portanto tive de modificar a dinâmica que era sombras e luz e fazer um desenho de observação livre, no entanto optei pelos retratos. A Jaciara, que até então não gostava de desenho, ficou impressionada com o desenho que fez do outro, muito diferente do primeiro.

Obrigado pela oportunidade de conhecer o outro dessa forma, desenhando e observando o empenho de todos que se propuseram a fazer os exercícios.

Observação: a turma parecia mais coesa, mais feliz e receptiva.

Desenhos de continuidade:

Natalia 20/06/18







20/06/18

Allyson

Desenhando o outro:

Katálin

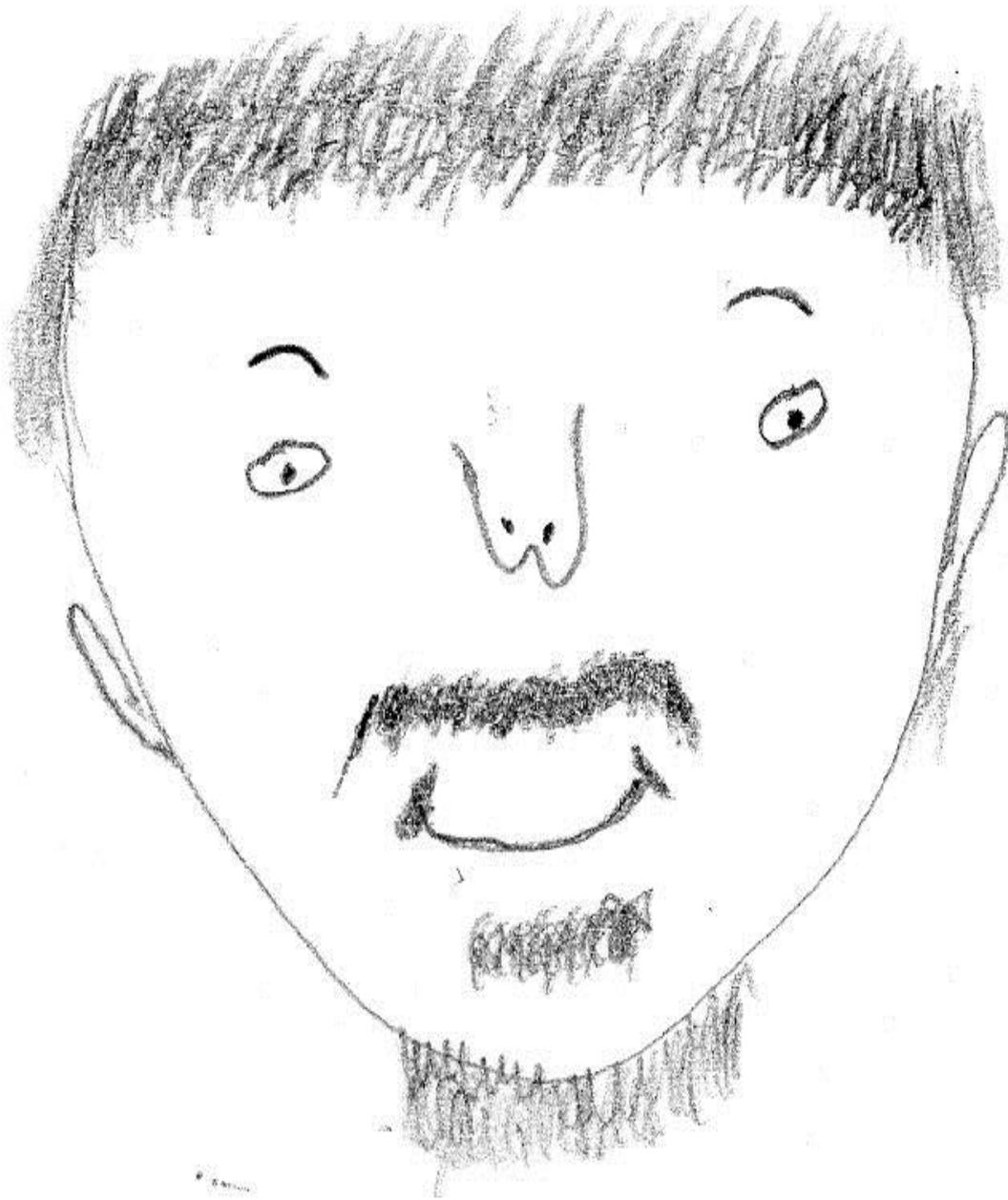


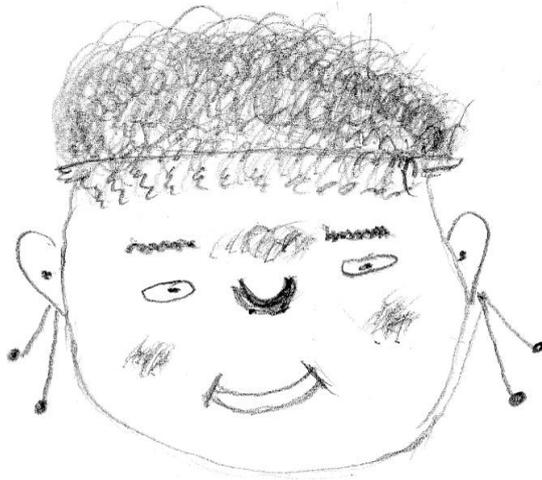


Katalic

Camila Moraes Vinicio Moreira da Silva







8/02/2018

Wendy Cross - Friends







20/6/2018 werten dies mensche

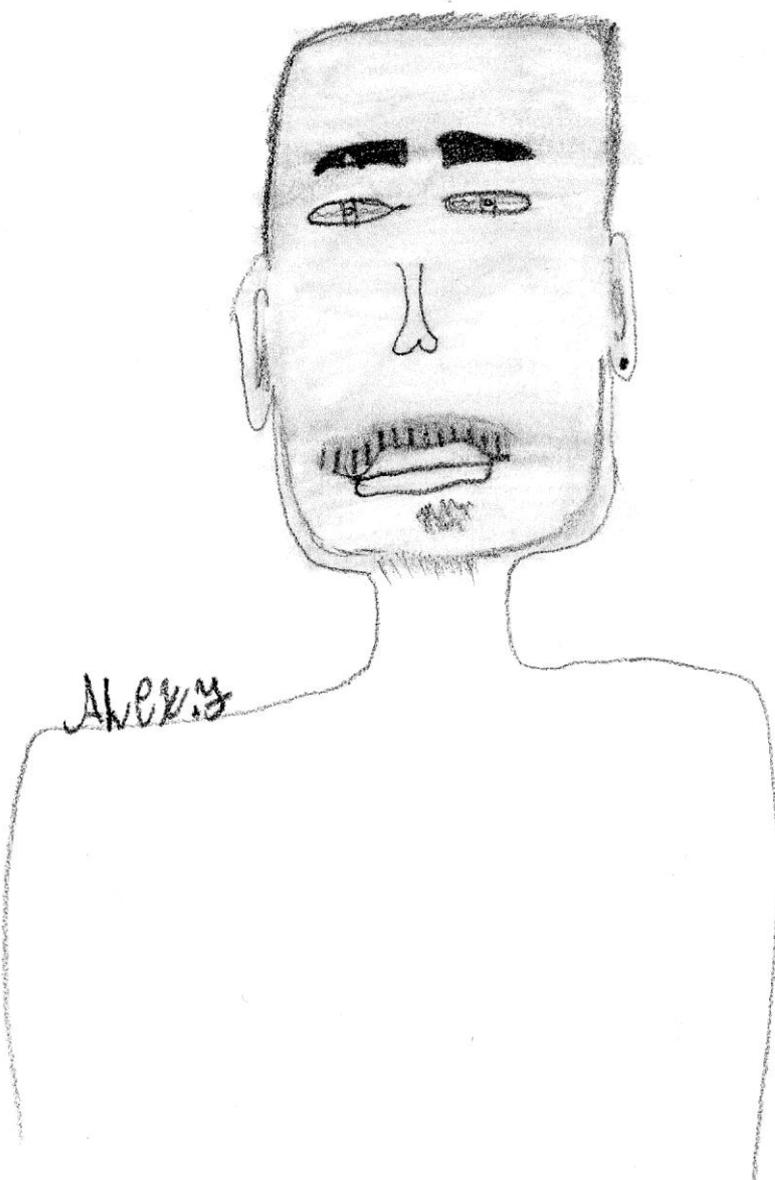
Autorretrato de memória :

ALEX. F

SMB

A. P. II

autorretrato de
memória





28
06
13

memória

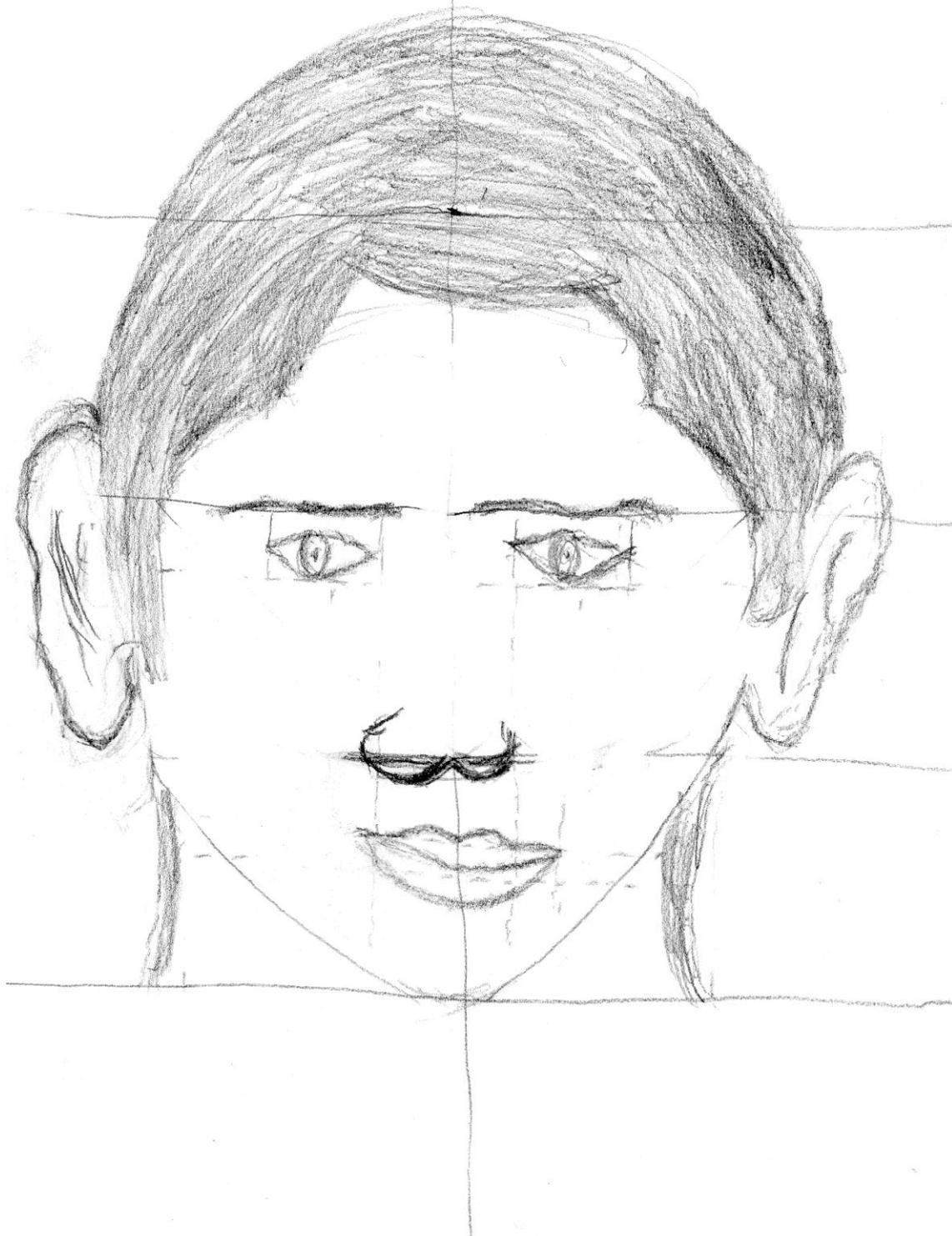
CARIOC

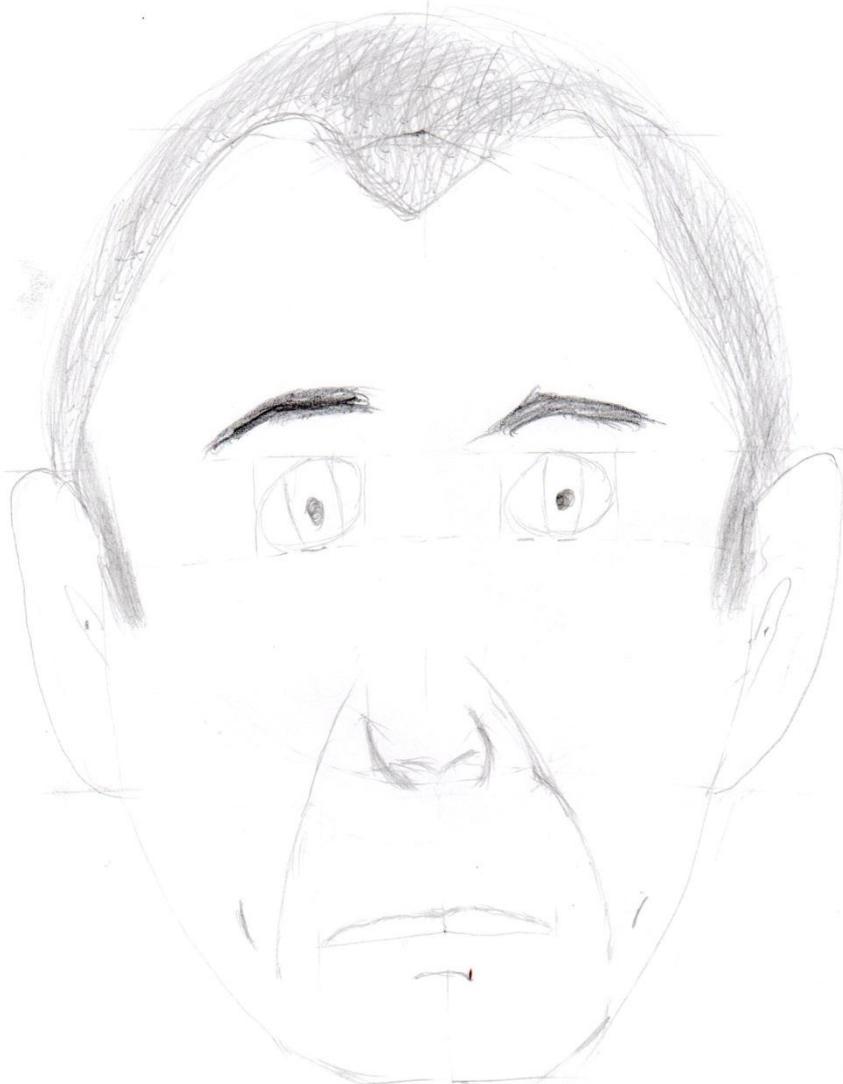




Desenhos esquemático de observação do outro:

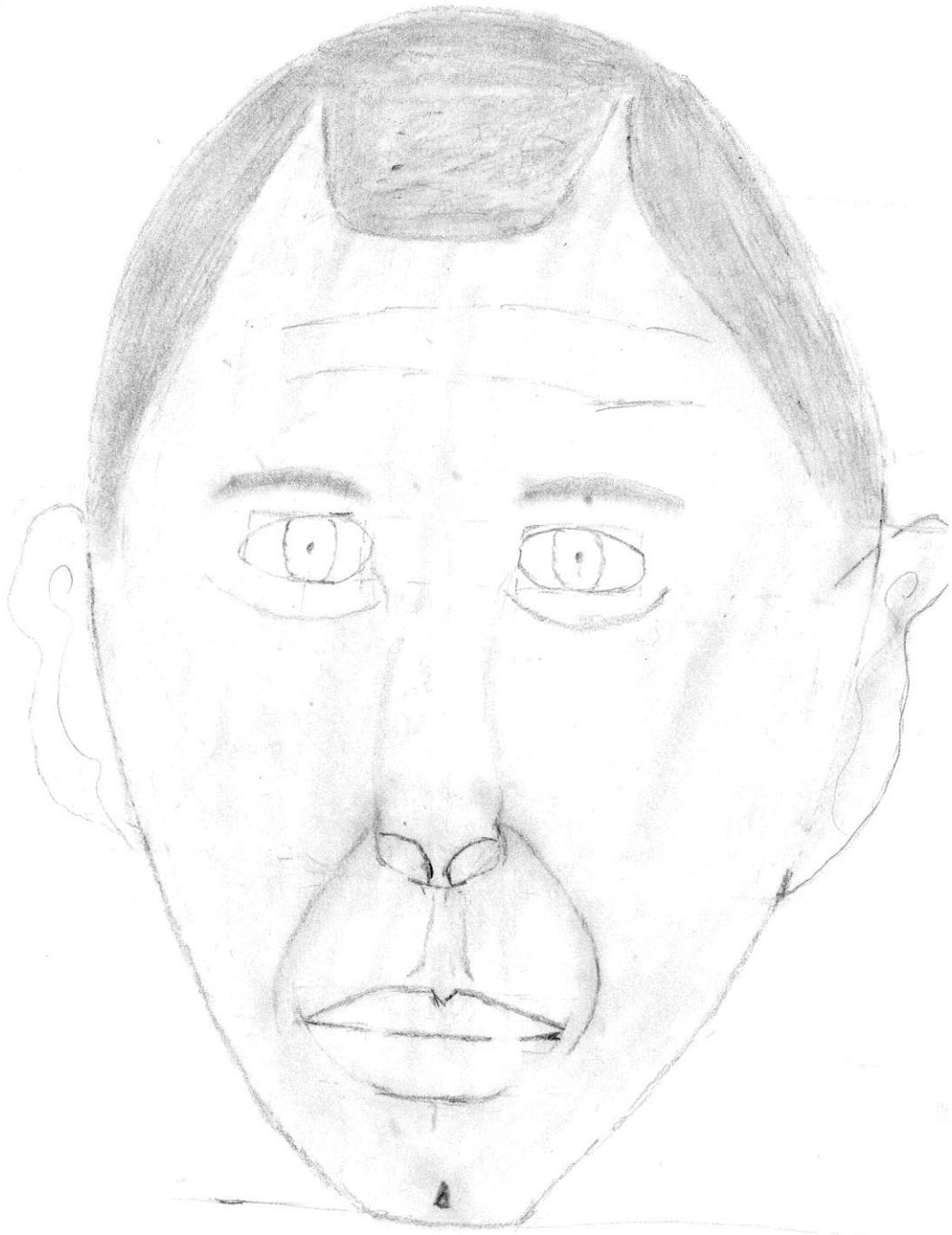
Aluísio Lopes da Silva





Jaciera

Verble Vos manen



Abriano Papá dos Santos

